EPICTETO

Testemunhos e Fragmentos



Dinucci A. ; Julien A. (Org.)

PRIMEIRA EDIÇÃO
SÃO CRISTÓVÃO-SE
2008

A gravura da capa foi retirada da tradução do *Manual de Epicteto* de E. Ivie (1715).

Copyright © Alfredo Julien & Aldo Dinucci, 2008.

ISBN 978-85-7822-053-2
PRIMEIRA TIRAGEM: 300 EXEMPLARES

CONSELHO EDITORIAL DA UFS

Luiz Augusto de Carvalho Sobral (Coordenador do Programa Editorial)

Alceu Pedrotti; Antonio Ponciano Bezerra; Maria Augusta Mundim Vargas; Mário Everaldo de Souza; Terezinha Alves de Oliva.

M
Mnemosyne
Estudos sobre Cultura Greco-Romana Antiga
Vinculado ao Grupo de Estudos de História Intelectual e das Idéias DHI/UFS
Contatos: mnemosyne.dhiufs@yahoo.com.br

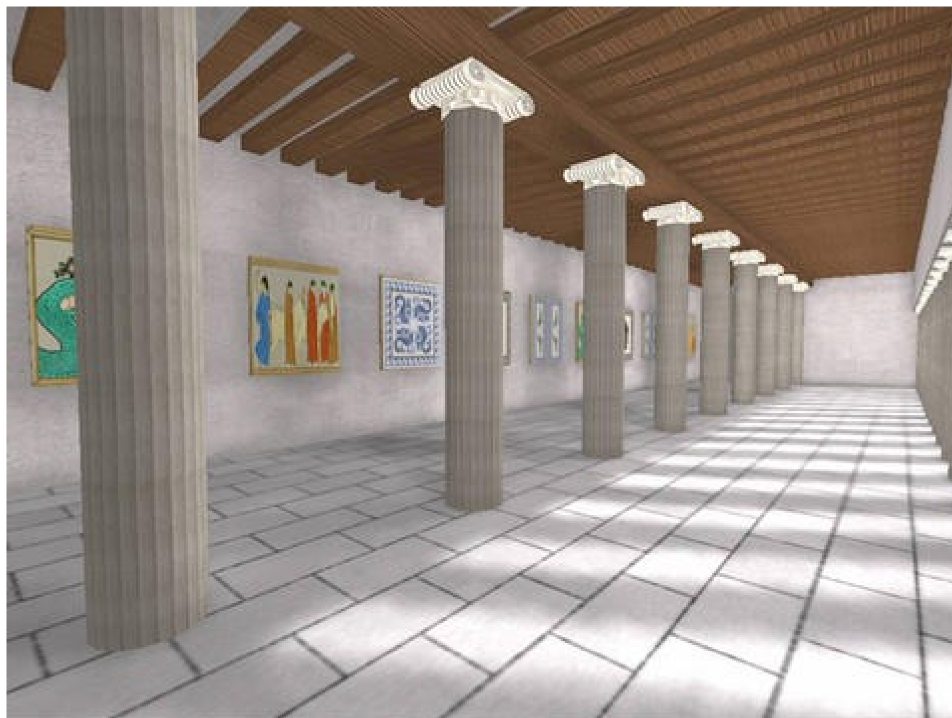
VIVA VOX
Grupo de Pesquisa em Filosofia Clássica e Contemporânea
Departamento de Filosofia - Universidade Federal de Sergipe
Contatos: vivavoxsergipe@yahoo.com.br
http://musoniorufo.zip.net

DINUCCI, A.; JULIEN, A. (ORG)
A775m Epicteto: Fragmentos e Testemunhos. Tradução dos fragmentos gregos e notas Aldo Dinucci e Alfredo Julien. Textos de Aldo Dinucci, Alfredo Julien e Fábio Duarte Joly.
56 p.

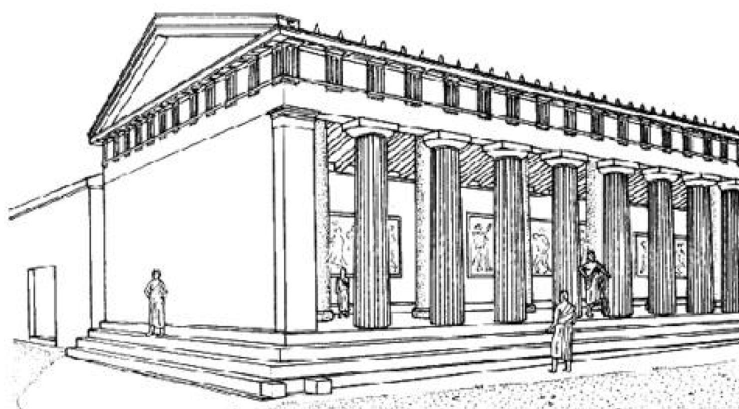
1. Filosofia. 2. Ética. 3. Estoicismo. 4. Epicteto. 5. Socratismo. 6. Roma. 7. Escravismo. 8. História das Idéias I. Título.

CDU 17

A *Stoa Poikilé* (o *Pórtico Pintado*), em Atenas, onde Zenão de Citium teria concebido a filosofia estóica.



SUMÁRIO:

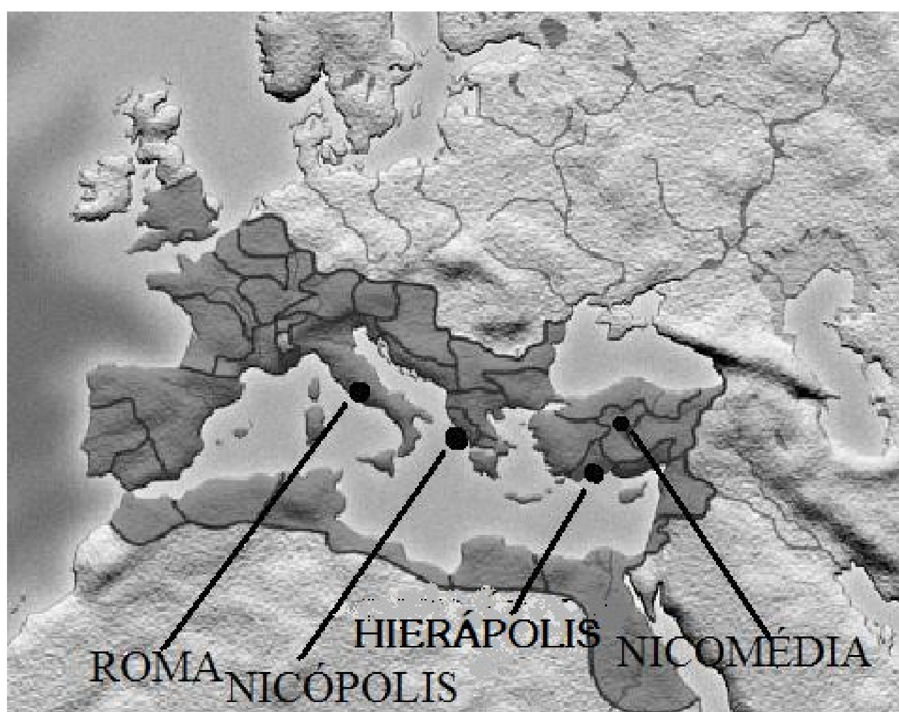


O MUNDO DE EPICTETO

Alfredo Julien (Doutor em História pela USP
e professor adjunto do Departamento de História
da Universidade Federal de Sergipe)

Ninguém é livre não sendo senhor de si mesmo. (frag.38)

Durante os séculos I e II d.C., o Império Romano atingia seus pontos máximos de extensão e poderio. Era uma organização política, burocrática e militar que impunha seu controle sobre grande variedade de povos, que apresentavam culturas e costumes distintos. Sua extensão abrangia regiões da atual Turquia, Oriente Médio, Norte da África e da Europa. Epicteto viveu nesse mundo como escravo e como liberto.



Império Romano nos tempos de Epicteto

Epicteto foi um dos principais representantes da filosofia estóica de seu tempo. Nasceu em Hierápolis, uma cidade grega na então

região da Frígia. A data de seu nascimento não é conhecida, podendo apenas ser aproximadamente avaliada. A única data segura que temos a seu respeito é que, em conseqüência do decreto de Domiciano expulsando os filósofos da Península Itálica, por volta de 94, abandonou Roma e se dirigiu para Nicópolis, uma importante cidade localizada na costa oeste da Grécia. Centro político, econômico e ponto de passagem de muitos dos que viajavam entre a Itália e a Grécia, a cidade provavelmente foi escolhida para o local em que fixaria sua escola por seu caráter metropolitano e pelas facilidades que proporcionava. Lá seus jovens alunos encontravam alojamento, além de ambiente urbano estimulante, condizente com seus anseios e de seus pais. Existem comentários indicando que Epicteto teria retornado a Roma na época do Imperador Adriano (Spartianus *Vit. Hadr.*16), mas não há nada conclusivo sobre isso, havendo mesmo críticas de que tal não corresponderia à realidade dos fatos. É bem provável que, após sua saída de Roma, não teria vivido em outro lugar a não ser Nicópolis.

Nada sabemos também sobre as circunstâncias de sua morte. Segundo Suidas (*Léxico*) e Themistos (*Orat.V.ad. Jovian. Imp.*), Epicteto ainda viveria durante o reinado de Marco Aurélio (161-180). Porém, tal época é colocada como muito avançada pela crítica, pois nesse caso teria de ter morrido com mais de cem anos. Contra essa possibilidade temos ainda que Marco Aurélio, ele próprio um seguidor do estoicismo e admirador de Epicteto, menciona apenas Junio Rústico[1], um discípulo de Epicteto, como seu professor, e que Aulo Gélio, escrevendo durante o reinado de Antonio Pio (138 – 161), se refere a Epicteto como morto há algum tempo. Quantos anos ele teria quando se retirou de Roma? Não sabemos. Assim costuma-se determinar seu nascimento durante o império de Nero (54-68), e sua morte por volta de 120-135, antes de Antonio Pio.

Durante a época de Epicteto, a escravidão não designava uma única realidade. Embora identificasse uma condição jurídica comum a todos os escravos, a de não ser cidadão, se apresentava de formas múltiplas e variadas. Suas condições de vida variavam de acordo

1 Júnio Rústico foi um dos mais distintos filósofos de sua época. Consultado constantemente por Marco Aurélio a respeito dos mais diversos assuntos, tanto públicos como privados, recebeu tratamento honrado por parte do imperador. Por duas vezes foi eleito cônsul e, após sua morte, obteve do senado estátuas erguidas em sua homenagem.

com a atividade em que eram empregados. Assim tínhamos escravos trabalhando acorrentados, sob péssimas condições, como também havia os que ocupavam funções importantes, que lhes conferiam privilégios e prestígio nos quadros da hierarquia social.

A aristocracia romana mantinha uma gama de escravos como funcionários responsáveis por gerirem seus negócios, como tesoureiros, gerentes de lojas, de empreendimentos comerciais e capatazes para administrarem suas propriedades rurais. Era uma sociedade que não via com bons olhos o regime de assalariamento de homens livres, pois considerava que tal tipo de relação não inspirava a confiança necessária, nem permitia controle suficiente, pois o homem livre não estaria sujeito às punições que se poderiam impingir aos escravos. Assim, no meio urbano, encontramos uma série de atividades praticadas por escravos, desde as mais humildes, até as que conferiam poder e benefícios materiais. Embora não conheçamos muitas coisas sobre a vida de Epicteto, é bem provável que ele não tenha trabalhado na lavoura, nem nas oficinas artesanais, mas somente no âmbito doméstico, secretariando seus senhores e como professor, o que, ao que tudo indica, não o isentou de ser tratado com dureza, atribuindo-se mesmo o problema que possuía em uma perna, que o fazia manco, aos castigos impingidos a ele[2].

O liberto era o ex-escravo que havia recebido a liberdade de seu senhor. Um liberto de um cidadão romano tornava-se homem livre, possuindo os direitos cabíveis que a cidadania romana lhe conferia. Seus filhos nasciam cidadãos, apagando assim, pelo menos formalmente, a condição de liberto e de ex-escravo de seu pai. Porém, embora o liberto se definisse pela sua condição de liberdade, ele, diferentemente dos cidadãos romanos nascidos livres, estava sujeito a uma séria de obrigações. O liberto devia ao seu ex-senhor o *obsequium*, o respeito que um filho devia ao seu pai, que tinha de ser manifestado por meio de atitudes práticas, envolvendo desde dedicatórias e inscrições votivas às divindades, até a proibição de levar o seu patrono aos tribunais. O patrono também tinha direito às *operae*, obrigações que consistiam em uma quantidade de dias de trabalho por ano, que o liberto devia ao seu patrono.

2 Suidas apresenta a versão de que o problema em sua perna teria sido motivado por um reumatismo desenvolvido em sua velhice. Oldfather desenvolve um argumento interessante questionando tal possibilidade.

Não sabemos se Epicteto foi escravo de nascimento ou foi escravizado. No mundo romano havia muitas maneiras de um homem livre tornar-se escravo. Podia-se ser vendido pelo seu pai, ser raptado e vendido como escravo em algum mercado do mundo mediterrânico, ou mesmo, motivado pela pobreza, vender-se a si próprio para assim entrar para os serviços de alguém que lhe pudesse oferecer algum tipo de sustento. É bem provável que Epicteto já tenha nascido escravo, mas a respeito disso não é possível afirmar nada categoricamente, embora um epigrama anônimo (João Crisóstomo *Patrol.Gr.* LX. 111; *Macrob. Sat.* I. 11, 45; *Anto. Pal.* VII. 676.), permita tal inferência:

Δοῦλος Ἐπίκτητος γενόμην καὶ σῶμ' ἀνάπηρος
καὶ πενίην Ἶρος καὶ φίλος ἀθανάτοις.

Pobre como Iros, corpo estropiado e amigo dos imortais,
Eu, Epicteto, nasci (fui) escravo

A utilização desse epigrama como evidência histórica encerra problemas. Primeiro é anônimo e sua autoria pode apenas ser conjecturada. Depois o problema de sua tradução em uma questão fundamental: o verbo γίγνομαι tradicionalmente traduzido nesse contexto por "nascer". Oldfather, na edição da Loeb, apresenta um bom argumento corroborando tal hipótese, mas a observação de Schenkel de que aqui também poderia significar "ser" lança um ponto de dúvida que não pode ser descartado. Assim, embora nossas simpatias pendam para a possibilidade dele ter nascido escravo, não julgamos conveniente optar por nenhuma das duas opções.

A nossa falta de informações também é completa no que se refere ao modo pelo qual ele se tornou liberto. Sabemos que quando de sua estada em Roma, ainda escravo, seu senhor Epafrodito franqueou-lhe realizar estudos com Musônio Rufo, filósofo estóico de grande renome, a quem Epicteto deveu muito de sua formação (*Diatribes* 1.9.29). Deve ter sido já nessa época que ele, seguindo os passos de Rufo, e sob sua orientação, iniciou sua vida de filósofo, ministrando aulas para os jovens rapazes da elite romana. Quais teriam sido os motivos que levaram Epafrodito a permitir que

Epicteto seguisse as aulas de Rufo e de tê-lo tornado liberto?

Paul Veyne (1990, p.95) tece alguns comentários a esse respeito. Para ele pelo menos três coisas poderiam levar um senhor a libertar seu escravo. Primeiro, o amo, vendo que seu escravo se encontraria à beira da morte, poderia querer dar-lhe o direito a uma sepultura dos homens livres. Segundo, o amo, ao morrer, poderia por meio de testamento libertá-lo, demonstrando assim ter sido um bom senhor, concedendo a liberdade tão almejada. E em terceiro, a libertação poderia se constituir em um arranjo financeiro.

Não era incomum nas áreas urbanas, escravos exercerem funções que, por não serem passíveis de controle pleno, permitia-lhes certa autonomia perante seus senhores. Atividades como gerência de lojas exigiam mesmo que o escravo que as praticassem em nome de seu senhor possuísse certa autonomia para decidir e gerir os negócios. Aos escravos que se dedicavam a esses tipos de atividades possibilitava-se mesmo a acumulação de patrimônio, o que lhes permitia até, como muitas vezes acontecia, comprar a sua própria liberdade. Assim em um ajuste financeiro o senhor poderia libertá-lo mediante um determinado preço, ou poderia conceder a liberdade como recompensa pelos bons trabalhos prestados.

Não sabemos o tipo de vida que Epicteto teve antes de estar submetido ao seu último amo: Epafrodito. Que idade ele tinha, ou quantos senhores já o teriam possuído pode apenas ser especulado. O que podemos afirmar é que se Epafrodito viu em Epicteto a possibilidade de seguir as aulas de um dos mais célebres filósofos romanos de então, Musônio Rufo, é porque ele já apresentaria algum tipo de talento para ser entregue a tão ilustre mestre.

Talvez Epafrodito e Rufo tenham feito algum acordo em que pretendiam dividir os lucros, explorando Epicteto como pedagogo e filósofo. A dedicação de Epicteto pode ter levado Epafrodito a libertá-lo como recompensa. Outra possibilidade seria a de que Epicteto como liberto possuiria mais dignidade para exercer suas funções de mestre junto aos filhos da aristocracia romana, sendo assim mais vantajoso para Epafrodito libertá-lo, mediante cláusulas específicas que o obrigassem a prestar serviços ou a repartir os lucros de suas atividades com seu patrono. Mas tudo isso não passa de especulação

e serve apenas para tentar aclarar o tipo de mundo social em que Epicteto estava inserido.

A dedicação de Epicteto, sua inclinação para a filosofia e o ardor com que abraçou a doutrina estóica proporcionou-lhe uma posição excepcional para exercer o papel de filósofo pregador, passando assim a ser procurado por membros da aristocracia romana para aprimorar a educação e a formação de seus filhos.

Os filhos das boas famílias, até atingirem a idade adulta, quando eram considerados aptos para o exercício das funções públicas, passavam por um cuidadoso processo educativo, que tinha por finalidade dotá-los das qualidades necessárias para o exercício das altas funções.

Nas altas classes, logo ao nascimento, os cuidados e a educação dos meninos e das meninas eram confiados a uma ama-de-leite e a um pedagogo, ambos, muitas vezes, escravos ou libertos de língua grega, para que a criança entrasse em contato desde cedo com essa língua, tão importante em Roma como portadora do que poderíamos chamar de cultura erudita. Eram eles que conduziam os primeiros passos dos filhos da aristocracia, direcionando seus aprendizados e moldando seus comportamentos.

Por volta dos sete anos, a criança começava a aprender a ler e a escrever, empresa que perdurava até os onze ou dozes anos. Aos doze anos, meninos e meninas se separavam e cada um seguia os destinos que seus papéis sociais lhe atribuíam. Nessa idade, a menina já era considerada apta para o casamento e passava a ser preparada para tal realidade. O menino continuava a estudar: gramática e literatura, com ênfase nos textos clássicos e na mitologia. Essa fase da educação romana podia perdurar até os dezesseis ou dezessete anos, quando já era considerado apto para o exercício dos escalões inferiores da atividade pública

Era por essa idade que jovens mais ambiciosos, buscando maior formação que lhes proporcionasse ascender aos mais altos cargos do império, iniciavam estudos que aprimorassem seus conhecimentos. Nessa fase dedicavam-se principalmente à retórica, arte pela qual pretendiam desenvolver a capacidade da eloqüência que lhes permitiria proferir belos discursos e falar com desenvoltura.

A retórica não era a única arte que esses jovens sedentos de conhecimento procuravam desenvolver para coroar seus estudos. Também recorriam à filosofia. Os jovens interessados nesses estudos ingressavam em escolas estabelecidas pelas diversas correntes filosóficas, verdadeiras confrarias fundadas por mestres cujos ensinamentos se perpetuavam de geração em geração, ou então procuravam mestres isolados, que ensinavam por conta própria nos locais em que residiam. Esse último era o caso da escola de Epicteto.

Um dos pontos centrais da doutrina que ensinava aos seus alunos era a divisão de eventos que cercam a vida humana em duas classes: as coisas que estão sob nosso controle, e as que não estão, uma questão que talvez seja a que mais toque a experiência social vivida por ele. Escravo, não era senhor de si, estando à mercê da vontade de outros, aqueles a quem devia a vida e por quem poderia ser castigado, vendido, ou mandado executar trabalhos penosos e desgastantes.

Porém, no jogo complexo e variado em que consistia a vida de um escravo, poderíamos dizer que Epicteto até que teve sorte. Ainda jovem acabou sendo adquirido por um senhor, Epafrodito, que o utilizou em funções que lhe permitiram estudar com um dos mais célebres filósofos de sua época, como também travar contatos com os membros da aristocracia e conhecer de perto seus desejos e apreensões.

A aristocracia romana, em sua busca de dignidades e ascensão, vivia um jogo político delicado. As disputas por espaços e influências no interior da máquina estatal que lhes garantissem privilégios e meios de se projetarem socialmente eram perigosas. De um momento para outro, o que prometia ser uma carreira promissora, poderia se transformar em desgraças e humilhações. Roma estava repleta de histórias de exílios, conspirações e perseguições que mostravam o caráter fluido do equilíbrio de forças, que possibilitava ocupar altas posições na hierarquia social. Aos olhos de Epicteto, o cidadão romano portador de direitos e privilégios, senhor de escravos e do mundo, envolvia-se em ações com a intenção de obter coisas que não dependiam de sua vontade, mas sim de situações complexas que não poderia controlar. Assim, o senhor romano não aparecia como verdadeiramente livre aos olhos de Epicteto, pois,

como os escravos, não controlavam suas vidas. Livres, pelo aspecto jurídico da cidadania, eram controlados por seus desejos e aspirações. Senhores do mundo, não eram senhores de si.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ANDREAU, J. O Liberto. In: Andrea Giardina (org.) *O Homem Romano.* Trad. Maria Jorge Vilar de Figueiredo. Lisboa: Editorial Presença, 1989. p.149-165.

EPICTETO. *Manual e Fragmentos.* Introducciones, traducción y notas de Paloma Ortiz Garcia. Madrid: Editorial Gredos, 1995.

EPICTETO. *The discourses as reported by Arrian, The Manual and Fragments.* With a English translation, commentary and notes by W.A. Oldfather. Londres: The Loeb Classical Library. 1925.

JOLY, F.D. *A escravidão na Roma Antiga – política, economia e cultura.* São Paulo: Alameda, 2005.

MARROU, H.I. *História da Educação na Antigüidade*. Trad. Mário Leônidas Casanova. São Paulo: EPU, 1990.

THÉBERT, Y. O Escravo. In: Andrea Giardina (org.) *O Homem Romano.* Trad. Maria Jorge Vilar de Figueiredo. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

VEYNE, P. O Império Romano. In: *História da Vida Privada – Do Império Romano ao ano Mil.* Trad. Heideggard Feist. São Paulo: Cia das Letras, 1990. p.117-145

EPICTETO, UM FILÓSOFO ENTRE A ESCRAVIDÃO E A LIBERDADE

Fábio Duarte Joly (Doutor em História pela USP e Professor Adjunto de História Antiga e Medieval na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.)

Quem hoje percorrer os temas estudados por filósofos contemporâneos certamente deparar-se-á com o tema da liberdade[3]. Nesse ponto, observa-se uma notável continuidade com a filosofia antiga. Desde pelo menos os pré-socráticos até as correntes filosóficas de época romana, os limites e possibilidades da ação humana foram alvos de debates em cujo centro estava a questão: o que é ser livre?

Nota-se, contudo, uma ruptura entre a Antiguidade e nosso mundo contemporâneo no sentido de que, nas sociedades da Itália e Grécia clássicas, a escravidão aparecia como a antinomia por excelência da liberdade, marcando presença no pensamento político e filosófico de gregos e romanos. Era impensável uma sociedade sem escravos, e mesmo quando, por ventura, era concebida, situava-se num tempo mítico, ahistórico e pré-cívico[4].

Atualmente, pelo contrário, é impensável uma sociedade com escravos. Embora se fale de formas de trabalho "análogas à escravidão",[5] não se pode negar que prepondere um amplo consenso contrário ao trabalho escravo, como demonstrado pela atuação de movimentos sociais e organismos internacionais, como a *Anti-slavery International*. Tal consenso é relativamente recente,

3 Ver, por exemplo, Adauto Novaes (org.). *O Avesso da liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

4 Pierre Vidal-Naquet, "Reflexões sobre a historiografia grega da escravidão", em Jean-Pierre Vernant e Pierre Vidal-Naquet, *Trabalho e escravidão na Grécia antiga*. Campinas: Papirus, 1989, p. 108.

5 Para o caso brasileiro em especial, consultar Neide Esterci, *Escravos da desigualdade: estudo sobre o uso repressivo da força de trabalho hoje*. Rio de Janeiro: Cedi-Koinonia, 1994, e AAVV. *Trabalho escravo no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Edições Loyola, 1999. No Brasil a questão do trabalho escravo voltou à ordem do dia a partir da década de 1970 no contexto da abertura de frentes pioneiras de ocupação nas regiões Norte e Centro-Oeste, provocando debates em torno de um conceito de escravidão para nortear a elaboração de políticas públicas de combate a esta forma de exploração do trabalho.

remontando à segunda metade do século XVIII, com o surgimento de um pensamento abolicionista.[6]

A escravidão como problema moral é fruto das reações sociais aos sistemas escravistas desenvolvidos nas Américas entre os séculos XVI e XIX, sob condições históricas distintas. A despeito das continuidades entre o escravismo antigo e moderno – em especial no tocante à legislação e às justificativas intelectuais para manutenção de uma divisão social entre senhores e escravos –, a segunda metade do século XVIII marcou uma ruptura na história da escravização do homem pelo homem. A propagação de uma noção de liberdade entendida como expressão da autonomia individual, isto é, a liberdade de um indivíduo agir sem qualquer tipo de coerção externa (religiosa, política, social ou econômica), esteve na base dos ataques abolicionistas à escravidão nas colônias européias além-mar e nos Estados Unidos, Brasil e Cuba.

Todavia, para os antigos, a escravidão não era um problema, ou seja, nunca despertou crises de consciência e tampouco reivindicações de sua abolição[7]. Embora uma literatura especificamente sobre a escravidão parece não ter existido na Antigüidade[8], é possível reunir uma quantidade substancial de pensamentos sobre a escravidão na obra de autores gregos e latinos, seja justificando a existência de escravos, seja condenando determinadas formas de tratamento dos cativos ou mesmo servindo-se do conceito de escravidão como uma metáfora para se pensar as relações de poder entre homens livres.

A obra de Epicteto é um raro exemplar de literatura que versa sobre esses aspectos do ideário greco-romano sobre a escravidão. Digo raro porque esse filósofo foi provavelmente escravo, talvez mesmo de um liberto imperial. Nascido em meados do século I d.C., em Hierápolis, cidade localizada na província da Frígia, Epicteto teria sido escravo de Epafrodito, que, durante o reinado de Nero (54-68 d.C.), atuou como *a libellis* do imperador, ou seja, como seu secretário responsável por receber petições. Este liberto é brevemente

6 A esse respeito, consultar David Brion Davis, *O problema da escravidão na cultura ocidental*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

7 Keith Bradley, "The problem of slavery in classical culture" (review article). *Classical Philology*, 92, 1997, p. 282.

8 Hermann Strasburger, "Poseidonios on problems of the Roman Empire". *Journal of Roman Studies*, 55, 1965, p. 48.

mencionado pelo historiador Cornélio Tácito, em seus *Anais*, por ocasião de uma conspiração fracassada contra Nero, em que Epafrodito recebeu as primeiras denúncias (*Anais*, 15, 55). Suetônio (*Nero*, 49, 3) e Dião Cássio (63, 27, 3) mencionam-no como um dos libertos que estava ao lado de Nero quando de seu suicídio, após ter sido declarado inimigo público pelo Senado.

A proximidade entre Epafrodito e Nero é atestada ainda, segundo o epigrafista alemão Werner Eck, por uma inscrição encontrada no monte Esquilino, em Roma, atribuindo honras militares ao liberto, provavelmente devido aos desdobramentos da repressão que se seguiu à descoberta da citada conspiração.[9] Para Eck, Epafrodito sobreviveu até Domiciano (Suet., *Dom.*, 14, 4; Dião Cássio, 67, 14, 4). Mas, de acordo com Paul R. C. Weaver, "é pouco provável que ele também seja o secretário *a libellis* sob Domiciano ou que fosse o Epafrodito a quem Flávio Josefo dedicou suas *Antigüidades* (1, 8 s.), a *Vita* (430) e o *Contra Apionem* (1, 1; 2, 1)". Além disso, para Weaver, "a visão aceita de que ele fora senhor do filósofo estóico Epicteto é baseada em um testemunho explícito de uma única, tardia e pouco confiável fonte, o *Suda*".[10] Já Fergus Millar, pelo contrário, pensa tratar-se do mesmo Epafrodito, e senhor de Epicteto, ainda que reconheça que não exista menção à sua manumissão pelo liberto imperial.[11]

Tal como Sócrates, o que sabemos do pensamento de Epicteto deriva de escritos compostos por seus discípulos. Por volta de 108 d.C., Lúcio Flávio Arriano, futuro cônsul, esteve entre os que freqüentaram a companhia de Epicteto em Nicópolis, no Épiro, onde o filósofo se instalara após a expulsão, por Domiciano, dos filósofos da Península Itálica. Devemos a ele a preservação da filosofia de Epicteto, cujos *Discursos* provavelmente vieram a público no reinado de Antonino Pio.[12]

Feitos esses comentários iniciais, dois pontos merecem realce. Em primeiro lugar, as vinculações entre a experiência da escravidão,

9 Cf. "Nero's Freigelassener Epaphroditus und die Aufdeckung der pisonischen Verschwörung". *Historia*, 25, 1976, p. 381-384. Na inscrição (*Notizie degli Scavi*, 1913, 466) lê-se: *Aug(usti) l(iberto) Epaphrodit[o]/apparitori Caesarum, viatori tribunicio/hastis pluris, coronis aureis donato.*

10 Cf. Paul R. C. Weaver, *Repertorium Familiae Caesarum*, 2005, p. 75. (http://www.uni-koeln.de/phil-fak/ifa/altg/eck/weaver.htm)

11 Fergus Millar, *The Emperor in the Roman world.* London: Duckworth, 1992, p. 78.

12 Keith Bradley, *Slavery and Society at Rome*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986, p. 174-175.

sofrida por Epicteto, e a formulação de seu pensamento filosófico. Trata-se de um aspecto que encontrou acentuada relevância na crítica moderna, que situa esse filósofo ao lado de personagens como o fabulista Fedro e o epigramatista Publílio Sírio, também ex-escravos conforme a tradição.[13] Em segundo lugar, o fato de sua obra ter sido preservada por alguém como Arriano indica a acolhida que o estoicismo tinha no seio da elite dirigente de Roma no primeiro século da era cristã, como revelam também as figuras de Sêneca, conselheiro pessoal de Nero, e Musônio Rufo, com quem Epicteto teria estudado sob os Flávios.

Quanto ao primeiro ponto, o historiador Keith Bradley é da posição que "a manumissão não extirpa a escravidão da memória, e a obra de Epicteto [...] exala uma sensibilidade à vida como escravo que abre caminho para a percepção de elementos constantes à servidão que afetavam todos os escravos romanos, a despeito de circunstâncias individuais e da complexidade da instituição".[14] Bradley, portanto, acredita que certas atitudes diante da escravidão seriam independentes de variações temporais e regionais.

É certo que, pela própria característica das fontes literárias gregas e romanas, compostas por uma elite e com viés senhorial, quase nada sabemos das impressões de escravos e libertos sobre suas condições de vida e percepção dos laços escravistas. Todavia, não se podem equacionar de imediato os sentimentos de Epicteto frente à escravidão com aqueles de todos os escravos do mundo romano, pois o conteúdo de sua obra visava um público leitor específico, aqueles membros da aristocracia romana e provincial que freqüentavam suas aulas. Ainda que a situação de escravidão, de um ponto de vista jurídico, seja recorrente em sua obra tal como preservada, nota-se um uso mais freqüente da metáfora da escravidão para reforçar a idéia estóica da oposição entre mente e corpo. Interessa-lhe mais ressaltar a liberdade de espírito do que a escravidão do corpo.

Assim como Sêneca e outros estóicos, Epicteto preocupa-se com

13 Ver, por exemplo, Johannes Christes, "Reflexe erlebter Unfreiheit in den Sentenzen des Publilius Syrus und den Fabeln des Phaedrus: zur Problematik ihrer Verifizierung". *Hermes*, 107, 2, 1979, p. 199-220.
14 Keith Bradley, *Slavery and Society at Rome*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986, p. 175-176.

a escravidão moral, que afetaria tanto livres quanto escravos. A verdadeira liberdade não depende de uma condição jurídica, visto que esta pode variar ao acaso. Nesse sentido, não encontramos em sua obra uma crítica à escravidão como instituição, o que aliás não é nada extraordinário em se tratando de um ex-escravo, se lembrarmos que mesmo as grandes guerras servis que Roma enfrentou nunca vislumbraram uma derrocada do escravismo.[15]

Epicteto reconhece a indignidade da escravidão, a violência a que os escravos estavam sujeitos e sua dependência para com os caprichos do senhor. Para ele, a escravidão é uma fonte constante de medo e tensão para senhores e escravos. Entretanto, aponta que a aquisição da liberdade, mediante a manumissão, não confere de fato uma independência pessoal e irrestrita: o ex-escravo continuaria necessitando de alimentação e vestimenta, mas tendo agora de provê-las por si próprio. Ainda que obtenha uma ascensão social pela mudança de *status*, poderá estar submetido a relações de dependência que tolhem sua liberdade, "reescravizando-o".

J. P Herschbell, em seu estudo sobre Epicteto e a escravidão, salienta que devemos levar em consideração a noção de subordinação como aquela que estrutura sua visão de mundo, pautada pela aceitação de uma estrutura hierárquica da sociedade. Nessa linha, Epicteto comenta, por exemplo, que uma pessoa que não esteja sob o domínio da riqueza e dos prazeres não se torna escrava de outrem. Existe igualmente uma subordinação às leis divinas e todas as pessoas más são consideradas como escravas. Enfim, a escravidão moral permeia toda a sociedade e gera uma hierarquia de subordinação, desde o escravo-mercadoria, totalmente desprovido de autonomia, até os "amigos de César", os aristocratas que vivem à mercê da vontade do imperador, dependentes dos favores e privilégios que dele emanavam.[16]

Seriam então as referências à escravidão, por Epicteto, uma conseqüência de sua condição de ex-escravo ou revelariam o olhar do filósofo sobre a conjuntura política de seu tempo? Chester G. Starr

15 Refiro-me às revoltas de escravos que ocorreram na Sicília, de 136 a 132, e de 104 a 101 a.C., e da revolta de Espártaco, no Sul da Itália, de 73 a 71 a.C. Sobre essas revoltas, consultar Keith Bradley, *Slavery and Rebellion in the Roman World, 140BC-70BC*. London: B. T. Batsford, 1989.

16 J. P. Herschbell, "Epictetus: a freedman on slavery". *Ancient Society*, 26, 1995, p. 202-203.

lembra que o conceito de liberdade aparece com muito mais intensidade na obra de Epicteto do que na de qualquer outro estóico, e geralmente no contexto de alusões ao poder imperial, em discussões que remeteriam às qualidades do bom governante em oposição às características do tirano, as quais, para Epicteto, estariam personificadas em Domiciano.[17] As tentações e pressões da vida cortesã aparecem em seus *Discursos* no quadro de reflexões acerca da atuação da aristocracia sob os Césares. Nesse caso, sua obra aproximar-se-ia de uma literatura de corte, que se serve da filosofia estóica para prescrever comportamentos adequados diante do *princeps*.[18]

As indagações de Epicteto a respeito da liberdade e da escravidão refletem, sem dúvida, sua própria trajetória social. Como escravo chegou a ser filósofo, como filósofo deparou-se com a política. Sublinhou as agruras da escravidão, das quais compartilhou, e avançou a liberdade moral como uma estratégia de resistência frente aos hierarquicamente superiores. Em contrapartida, notou os dilemas que essa liberdade acarretava, que poderiam provocar, como efeito perverso, a acomodação, a valorização dos bens materiais e fugazes, enfim, um estado de escravidão moral. Se o passado servil de certa forma moldou a percepção que Epicteto tinha da sociedade a seu redor, não impediu que seu horizonte de expectativa abarcasse, em última instância, o valor da liberdade.

Afora essa mensagem ética e política, a leitura da obra de Epicteto leva-nos a matizar as tradicionais interpretações da escravidão antiga que entendem a instituição servil por um viés essencialmente econômico, com o escravo associado quase exclusivamente ao universo da produção de mercadorias. Não se trata de negar a dominância da estrutura econômica na conformação do escravismo, mas salientar que, na Roma antiga, a influência da escravidão estendia-se além, atingindo o próprio campo da cultura, na medida em que o vocabulário e a imagem da escravidão eram utilizados para a crítica de comportamentos sociais

17 "Epictetus and the Tyrant". In: STARR, Chester G. *Essays on Ancient History*. Edited by Arthur Ferril and Thomas Kelly. Leiden: E. J. Brill, 1979, p. 248-257.
18 Fergus Millar, "Epictetus and the imperial court", *Journal of Roman Studies*, 55, 1965, p. 141-148.

e desenho de cenários políticos que envolviam livres e escravos, imperador e súditos.

Em suma, cultura política e escravidão estavam imbricadas. Epicteto revela-se assim um guia para a compreensão de um fenômeno histórico peculiar às sociedades escravistas antigas e modernas, em cujo rol o Brasil marcou presença por quase quatro séculos. Quem sabe o filósofo de Hierápolis não esteja tão distante de nós...

Referências Bibliográficas:

AAVV. *Trabalho escravo no Brasil contemporâneo.* São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BRADLEY, Keith. *Slavery and society at Rome.* Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

______. *Slavery and Rebellion in the Roman World, 140BC-70BC.* London: B. T. Batsford, 1989.

______. The problem of slavery in classical culture (review article). *Classical Philology*, 92, 1997, p. 273-282.

CHRISTES, Johannes. Reflexe erlebter Unfreiheit in den Sentenzen des Publilius Syrus und den Fabeln des Phaedrus: zur Problematik ihrer Verifizierung. *Hermes*, 107, 2, 1979, p. 199-220.

DAVIS, David Brion. *O problema da escravidão na cultura ocidental.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

ECK, Werner. Nero's Freigelassener Epaphroditus und die Aufdeckung der Pisonischen Verschwörung. *Historia*, 25, 1976, p. 381-384.

ESTERCI, Neide. *Escravos da desigualdade: estudo sobre o uso repressivo da força de trabalho hoje.* Rio de Janeiro: Cedi-Koinonia, 1994.

HERSCHBELL, J. P. Epictetus: a freedman on slavery. *Ancient Society*, 26, 1995, p. 184-204.

MILLAR, Fergus. Epictetus and the imperial court. *Journal of Roman Studies*, 55, 1965, p. 141-148.

______. *The Emperor in the Roman world.* London: Duckworth, 1992.

NOVAES, Adauto (org.). *O Avesso da liberdade.* São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

STARR, Chester G. Epictetus and the tyrant. In STARR, Chester G. *Essays on Ancient History.* Edited by Arthur Ferril and Thomas Kelly. Leiden: E. J. Brill, 1979, p. 248-257.

STRASBURGER, H. Poseidonios on problems of the Roman Empire. *Journal of Roman Studies*, 55, 1965, p. 40-53.

VERNANT, Jean-Pierre e VIDAL-NAQUET, Pierre. *Trabalho e escravidão na Grécia antiga.* Campinas: Papirus, 1989.

WEAVER, P. R. C. *Repertorium Familiae Caesarum.* 2005 (http://www.uni-koeln.de/phil-fak/ifa/altg/eck/weaver.htm)

SOBRE OS FRAGMENTOS EPICTETIANOS

**Aldo Dinucci (Doutor em Filosofia pela PUC-RJ
e professor adjunto do Departamento de Filosofia
da Universidade Federal de Sergipe)**

Os fragmentos de Epicteto foram reunidos pela primeira vez na edição de Jacobus Scheggius do *Manual de Epicteto* de 1554[19]. Esses fragmentos têm por fonte principal Estobeu, que conservou diversas sentenças atribuídas a Epicteto em suas *Éclogas*, riquíssima coleção de citações de filósofos da Antigüidade tematicamente organizada contendo fragmentos de inúmeras obras que se perderam. Quase nada se sabe sobre Estobeu, a não ser que viveu por volta do século VI. Suas *Éclogas* dividem-se em quatro livros, e foram compostas para uso de seu filho Sétimo. Os dois primeiros livros dessa obra consistem em extratos sobre as concepções dos antigos poetas e escritores a respeito da física, da dialética e da ética. O *Florilegium de Sentenças* de Estobeu é, na verdade, uma junção do terceiro e do quarto livros que originalmente compunham as *Éclogas*, e trata de temas morais, políticos, econômicos e máximas de sabedoria prática.

As sentenças aí encontradas atribuídas a Epicteto foram publicadas por Scheggius como sendo fragmentos dos quatro livros perdidos das *Diatribes* de Epicteto. Wolf adicionou tais fragmentos à sua edição de 1560 do *Manual de Epicteto* (tomo II, p. 307 ss.). As sentenças recebem aí títulos conforme o seu conteúdo. Os fragmentos reapareceram na edição de 1683 da obra de Epicteto feita por Blancard sob essa mesma forma concebida por Wolf.

Na edição de Meibomius, aos fragmentos são acrescidos aqueles presentes no *Florilegium* de Antônio Melissa e na obra homônima de Máximo Planudes.

Em 1741, os fragmentos são publicados por Upton, na forma apresentada por Meibomius. Os fragmentos, do 137 em diante, são dispostos em seção intitulada *Quae sequuntur, partim Epicteto*

19 Para esta referência completa e as demais relativas a esta introdução, cf. nossas Referências Bibliográficas.

partim aliis attribuntur ("Os que seguem são atribuídos por alguns a Epicteto, por outros, a diferentes autores").

A edição seguinte dos fragmentos é aquela de Schweighauser, de 1800, que temos diante dos olhos. Os fragmentos são aí editados no volume III, que tem como título *Epicteti Manuale ex Recensione et Interpretatione Joannis Vptoni* ("O Manual de Epicteto pela recensão e interpretação de John Upton"), e apresentados em edição bilíngüe (greco-latina) da página 63 à 122. No intervalo que permeia as páginas 123 e 135, há uma antologia de elogios a Epicteto feitos por grandes nomes da Antigüidade, tais como Herodes Ático, Aulo Gélio, Marco Aurélio, Luciano, Orígenes, Hélio Espartano, Temístio, Gregório Nazianzeno, Macróbio, Agostinho, Damáscio, Simplício, além de epigramas anônimos e de um elogio igualmente anônimo a Epicteto que aparece em Suidas[20].

Os fragmentos recebem comentários da página 175 a 216 da mesma obra, comentários dos quais nos servimos na presente edição e que evidenciam o grau extremo de conhecimento de Schweighauser da obra de Epicteto. Essa edição, que estabeleceu pela primeira vez o *corpus epictetianum*, enumera 181 fragmentos. Muita discussão houve, porém, quanto à autenticidade desses fragmentos e, após profundos estudos de Schenkl, Asmus e Elter, uma boa parte deles foi descartada. Hoje, o número de fragmentos considerados epictetianos é de 39, sendo que, desses, 7 são de autoria duvidosa.

Na presente edição optamos impor nova organização aos fragmentos, dividindo-os do seguinte modo: (A) fragmentos de Musônio Rufo e Epicteto, (B) fragmentos das *Diatribes*, das *Memoráveis de Epicteto* e de outros escritos de Arriano, (C) fragmentos de Epicteto citando Agripino, (D) fragmentos de Epicteto em Marco Aurélio Antonino, (E) fragmentos de Epicteto em Aulo Gélio e Arnóbio e (F) fragmentos de autoria duvidosa ou espúrios.

Os fragmentos são apresentados primeiramente por seus números na presente edição; a seguir, e entre parêntesis, o número referente à edição de Schweighauser; depois, temos a referência ou a obra da qual se extraiu o fragmento e, por fim, o título que ele recebera aí. Os fragmentos são apresentados em edição bilíngüe,

20 Pretendemos oportunamente traduzir tais elogios a Epicteto.

sendo que o texto em grego é, salvo pequenas alterações, aquele da edição de Schenkl de 1916.

Quanto ao título do presente trabalho, Schweighauser os nomeia na página 63 do tomo III de seu *Monumenta* de *Ex deperditis Epicteti sermonibus fragmenta* ("Fragmentos das diatribes perdidas de Epicteto"). Na página 65, são chamados de *Epicteti fragmenta maxime ex Joanne Stobaeo, Antonio et Maximo collecta* ("Fragmentos de Epicteto colhidos principalmente de Estobeu, Antônio e Máximo"). Como a coletânea de fragmentos inclui extratos de Gélio, Arnóbio e Marco Aurélio, e não se refere exclusivamente às *Diatribes*, decidimos intitulá-la simplesmente *Epicteto: Testemunhos e Fragmentos*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ASMUS R. *Questiones Epicteteae*. Freiburg: B, 1888.

BLANCARD. *Epicteti Encheridium: una cum Cebetis Thebani Tabula Græc. & Lat. Cum notis Wolfii, Casauboni, Caselii & aliorum / Abrahamus Berkelius textum recensuit, & suas quoque addidit. Accedit Graeca Enchiridii paraphrasis, lacunis omnibus, codicis Medicei ope*. Delphis batavorum: 1683.

ELTER, A. *Epicteti et Moschionis Sententiae*. Bonn: 1892.

MEIBOMIUS. *Epicteti Manuale et Sententiae. Quibus accedunt Tabula Cebetis, & alia affinis argumenti, in linguam Latinam conversa a Marco Meibomio. Subjiciuntur ejusdem notae, emendationes Claudii Salmasii in Epictetum, notae illorum & alius viri docti in dessertationes Epicteti ab Arriano digestas, & varians scriptura codicum mannu exaratorum.* Trajecti Batavorum: Ex officina Gulielmi Broedelet, 1711.

OLDFATHER. *The Discourses of Epictetus as reported by Arrian (Books I & II).* Cambridge: Loeb, 2000.

______________. *The Discourses of Epictetus as reported by Arrian (Books III & IV); Fragments; Encheiridion*. Cambridge: Loeb, 2000.

SCHEGGIUS, J. *Epicteti stoici philosophi enchiridion cum Angelo Politiani interpretatione latina – item Arriani commentarius disputationum ejusdem Epicteti.* Basiléia: 1554.

SCHENKL H. Die Epiktetishen Fragmente. in *Sitzungsberichte der philos. – hist. Calsse der K. Akad. der Wiss.* Viena, 115 (1888), 443-546.

____________.Epicteti Dissertationes ab Arriano digestae. Epictetus. Heinrich Schenkl. editor. Leipzig: B. G. Teubner, 1916

SCHWEIGHAUSER. . *Epicteteae Philosophiae Monumenta*. 3 vol. Leipzig: Weidmann, 1800.

UPTON J. *Epicteti quae supersunt dissertationes ab Arriano collectae nec non Enchiridion et fragmenta Graece et Latine ... cum integris Jacobi Schegkii et Hieronymi Wolfii selectisque aliorum doctorum annotationibus*, 2 vol. Londres: Thomae Woodward, 1741.

WOLF. H. *Epicteti Enchiridion: una cum Cebetis Thebani Tabula Græc. & Lat. Quibus... accesserunt e graeco translata Simplicii in eundem Epicteti libellum doctissima scholia, Arriani commentarium de Epicteti disputationibus libri iiii, item alia ejusdem argumenti in studiosorum gratiam.* Basiléia: 1563.

FRAGMENTOS DE MUSÔNIO RUFO E EPICTETO

Tradução: Aldo Dinucci e Alfredo Julien

1. Ῥούφου ἐκ τῶν Ἐπικτήτου περὶ φιλίας

Τῶν ὄντων τὰ μὲν ἐφ' ἡμῖν ἔθετο ὁ θεός, τὰ δ' οὐκ ἐφ' ἡμῖν. ἐφ' ἡμῖν μὲν τὸ κάλλιστον καὶ σπουδαιότατον, ᾧ δὴ καὶ αὐτὸς εὐδαίμων ἐστί, τὴν χρῆσιν τῶν φαντασιῶν. τοῦτο γὰρ ὀρθῶς γιγνόμενον ἐλευθερία ἐστίν, εὔροια, εὐθυμία, εὐστάθεια, τοῦτο δὲ καὶ δίκη ἐστὶ καὶ νόμος καὶ σωφροσύνη καὶ ξύμπασα ἀρετή. τὰ δ' ἄλλα πάντα οὐκ ἐφ' ἡμῖν ἐποιήσατο. οὐκοῦν καὶ ἡμᾶς συμψήφους χρὴ τῷ θεῷ γενέσθαι καὶ ταύτῃ διελόντας τὰ πράγματα τῶν μὲν ἐφ' ἡμῖν πάντα τρόπον ἀντιποιεῖσθαι, τὰ δὲ μὴ ἐφ' ἡμῖν ἐπιτρέψαι τῷ κόσμῳ καί, εἴτε τῶν παίδων δέοιτο εἴτε τῆς πατρίδος εἴτε τοῦ σώματος εἴτε ὁτουοῦν, ἀσμένους παραχωρεῖν.

1 (169). Estobeu, II. 8, 30. Musonius, frag.38 (H)

De Rufo: a partir dos ditos de Epicteto sobre a amizade

Das coisas existentes, umas deus pôs sob nosso controle, outras não. Sob nosso controle está a mais bela e virtuosa, aquela pela qual ele próprio também é feliz: o uso das impressões, pois que, dando-se corretamente, é liberdade, serenidade, confiança; como também justiça, lei, prudência e a virtude por inteiro. Todas as outras coisas não foram feitas sob o nosso controle. Então, não seria também necessário nos colocar de acordo com deus e, dessa maneira distinguindo as coisas, esforçarmo-nos de todos os modos pelas que estão sob o nosso controle, e as que não estão, confiar ao cosmo, cedendo-as alegremente, mesmo se [ele] requisitasse os filhos, a pátria, o corpo, ou o que for?

2. Ῥούφου ἐκ τοῦ Ἐπικτήτου περὶ φιλίας

Τὸ δὲ Λυκούργου τοῦ Λακεδαιμονίου[21] τίς ἡμῶν οὐ θαυμάζει; πηρωθεὶς γὰρ ὑπό τινος τῶν πολιτῶν τῶν ὀφθαλμῶν τὸν ἕτερον καὶ παραλαβὼν τὸν νεανίσκον παρὰ τοῦ δήμου, ἵνα τιμωρήσαιτο, ὅπως <ἂν> αὐτὸς βούληται, τούτου μὲν ἀπέσχετο, αιδεύσας δὲ αὐτὸν καὶ ἀποφήνας ἄνδρα ἀγαθὸν παρήγαγεν εἰς τὸ θέατρον. θαυμαζόντων δὲ τῶν Λακεδαιμονίων ‘τοῦτον μέντοι λαβών’, ἔφη, ‘παρ' ὑμῶν ὑβριστὴν καὶ βίαιον ἀποδίδωμι ὑμῖν ἐπιεικῆ καὶ δημοτικόν’.

3. Ῥούφου ἐκ τοῦ Ἐπικτήτου περὶ φιλίας.

Ἀλλὰ παντὸς μᾶλλον τῆς μὲν φύσεως ἐκεῖνο τὸ ἔργον συνδῆσαι καὶ συναρμόσαι τὴν ὁρμὴν τῇ τοῦ προσήκοντος καὶ ὠφελίμου φαντασίᾳ.

21 Licurgo é uma figura emblemática da história espartana. Sua memória é basicamente constituída pelo relato de Plutarco, que na *Vida de Licurgo* estabeleceu os elementos essenciais que formaram a tradição a seu respeito. A ele é atribuída a organização do espaço cívico espartano, com suas esferas organizativas. Sua memória celebrava o espírito público e o culto às virtudes cívicas. Embora não seja possível sequer estabelecer se ele teria existido na realidade ou não, a tradição costuma apontar os séculos VIII e VII como período de sua vida.

2 (67). Estobeu, *Florilegium* III. 19, 13. Musonius, frg. 39 (H)

De Rufo: a partir dos ditos de Epicteto sobre a amizade

Quem de nós não se admira com [a atitude] do lacedemônio Licurgo. Privado de um dos olhos por um dos cidadãos e tendo recebido do povo o jovem [agressor] para que se vingasse como quisesse, disso se absteve. Mas, tendo-o educado e declarado homem bom, levou-o ao seu lado ao teatro. Os lacedemônios se espantaram. Percebendo isso, [Licurgo] disse-lhes: ao lado de vós, ele era desmedido e violento, devolvo-o para vós comedido e com espírito público.

3 (69). Estobeu, *Florilegium* III. 20, 60. Musonius, frag. 41 (H)

De Rufo: a partir dos ditos de Epicteto sobre a amizade

Mas, de todas, esta é a maior obra da natureza: unir e harmonizar o impulso à impressão do que é conveniente e útil.

4. **Τοῦ αὐτοῦ**

Τὸ δὲ οἴεσθαι εὐκαταφρονήτους τοῖς ἄλλοις ἔσεσθαι, ἐὰν μὴ τοὺς πρώτους ἐχθροὺς παντὶ τρόπῳ βλάψωμεν, σφόδρα ἀγεννῶν καὶ ἀνοήτων ἀνθρώπων. φαμὲν γὰρ τὸν εὐκαταφρόνητον νοεῖσθαι μὲν καὶ κατὰ τὸ ἀδύνατον εἶναι βλάψαι· ἀλλὰ πολὺ μᾶλλον νοεῖται κατὰ τὸ ἀδύνατον εἶναι ὠφελεῖν.

5. **Ῥούφου ἐκ τῶν Ἐπικτήτου περὶ φιλίας**

Ὅτι τοιαύτη ἡ τοῦ κόσμου φύσις καὶ ἦν καὶ ἔστι καὶ ἔσται καὶ οὐχ οἷόν τε ἄλλως γίγνεσθαι τὰ γιγνόμενα ἢ ὡς νῦν ἔχει· καὶ ὅτι ταύτης τῆς τροπῆς καὶ τῆς μεταβολῆς οὐ μόνον οἱ ἄνθρωποι μετειλήφασι καὶ τἆλλα ζῷα τὰ ἐπὶ γῆς, ἀλλὰ καὶ τὰ θεῖα καὶ νὴ Δί'αὐτὰ τὰ τέτταρα στοιχεῖα ἄνω καὶ κάτω τρέπεται καὶ μεταβάλλει καὶ γῆ τε ὕδωρ γίνεται καὶ ὕδωρ ἀήρ, οὗτος δὲ πάλιν εἰς αἰθέρα μεταβάλλει· καὶ ὁ αὐτὸς τρόπος τῆς μεταβολῆς ἄνωθεν κάτω. ἐὰν πρὸς ταῦτά τις ἐπιχειρῇ ῥέπειν τὸν νοῦν καὶ πείθειν ἑαυτὸν ἑκόντα δέχεσθαι τὰ ἀναγκαῖα, πάνυ μετρίως καὶ μουσικῶς διαβιώσεται τὸν βίον.

4 (70). Estobeu, *Florilegium* III. 20, 61. Musonius, frag. 41 (H)

Do mesmo

Pensar que seremos desprezíveis para os outros, se não lesarmos de todos os modos nossos principais inimigos, é [coisa] de homens vis e ignorantes. É dito que o [homem] desprezível é reconhecido pela sua incapacidade de lesar, mas é muito melhor reconhecê-lo pela sua incapacidade de ser útil.

5 (134). Estobeu, *Florilegium* IV. 44, 60. Musonius, frag. 42 (H)

De Rufo: a partir dos ditos de Epicteto sobre a amizade

Porque assim é, era e será a natureza do cosmo e não é possível os acontecimentos virem a ser de outro modo do que como são agora. Desse ciclo e metabolismo, não somente os homens e os outros seres vivos sobre a terra tomam parte, mas também [as coisas] divinas. E, por Zeus, mesmo os quatro elementos se dirigem para cima e para baixo, se metabolizando! A terra torna-se água; a água, ar, que, de volta, metaboliza-se em éter. Essas mesmas transformações [ocorrem também] de cima para baixo. [Assim,] se alguém direcionar o pensamento para essas coisas e, espontaneamente, persuadir-se a acolher as coisas necessárias, passará a vida com muita moderação e harmonia.

FRAGMENTOS DAS *DIATRIBES* , DAS *MEMORÁVEIS DE EPICTETO* E DE OUTROS ESCRITOS DE ARRIANO:

6. **Ἀρριανοῦ Ἐπικτητ<ε>ίου πρὸς τὸν † περὶ οὐσίας †**

Τί μοι μέλει, φησί, πότερον ἐξ ἀτόμων ἢ ἐξ ἀμερῶν ἢ ἐκ πυρὸς καὶ γῆς συνέστηκε τὰ ὄντα; οὐ γὰρ ἀρκεῖ μαθεῖν τὴν οὐσίαν τοῦ ἀγαθοῦ καὶ κακοῦ καὶ τὰ μέτρα τῶν ὀρέξεων καὶ ἐκκλίσεων καὶ ἔτι ὁρμῶν καὶ ἀφορμῶν καὶ τούτοις ὥσπερ κανόσι χρώμενον διοικεῖν τὰ τοῦ βίου, τὰ δ' ὑπὲρ ἡμᾶς ταῦτα χαίρειν ἐᾶν, ἃ τυχὸν μὲν ἀκατάληπτά ἐστι τῇ ἀνθρωπίνῃ γνώμῃ, εἰ δὲ καὶ τὰ μάλιστα θ<εί>η τις εἶναι καταληπτά, ἀλλ' οὖν τί ὄφελος καταληφθέντων; οὐχὶ δὲ διακενῆς πράγματα ἔχειν φατέον τοὺς ταῦτα ὡς ἀναγκαῖα τῷ τοῦ φιλοσόφου λόγῳ προσνέμοντας; { – } Μή τι οὖν καὶ τὸ ἐν Δελφοῖς παράγγελμα παρέλκον ἐστί, τὸ Γνῶθι σαυτόν; { – } Τοῦτο δὲ μὲν οὔ, φησί. { – } Τίς οὖν ἡ δύναμις αὐτοῦ; εἰ χορευτῇ τις παρήγγελλε τὸ γνῶναι ἑαυτόν, οὔκουν ἂν τῇ προστάξει προσεῖχε τῷ ἐπιστραφῆναι καὶ τῶν συγχορευτῶν καὶ τῆς πρὸς αὐτοὺς συμφωνίας; { – } Φησίν. { – }Εἰ δὲ ναύτῃ; εἰ δὲ στρατιώτῃ; πότερον οὖν ὁ ἄνθρωπος αὐτὸς ἐφ' αὑτοῦ πεποιῆσθαί σοι δοκεῖ ζῷον ἢ πρὸς κοινωνίαν; <{ – } Πρὸς κοινωνίαν.> { – } Ὑπὸ τίνος; { – }Ὑπὸ τῆς φύσεως. { – } Τίνος οὔσης καὶ πῶς διοικούσης τὰ ὅλα καὶ πότερον οὔσης ἢ μή, ταῦτα οὐκέτι ἀναγκαῖον πολυπραγμονεῖν;

6 (175). Estobeu, *Eclogae*, II. 1, 31 *De Arriano, discípulo de Epicteto, para os que se ocupam das substâncias*

-(Epicteto) O que me importa se as coisas existentes são formadas de átomos ou de indivisíveis, ou de fogo ou terra? Ora, não nos basta aprender a essência do bem e do mal e as medidas dos desejos[22] e das recusas[23], como também dos impulsos[24] e dos refreamentos[25], e, tomando-as como regra, administrar as coisas da vida e dar adeus às coisas que estão além de nós, visto que são inapreensíveis para o conhecimento humano? E mesmo se alguém, resolutamente, as considerasse compreensíveis, e daí? Qual seria, precisamente, a utilidade de compreendê-las? Não é preciso dizer que têm problemas em vão os que assinalam essas coisas como necessárias aos discursos dos filósofos?

-(Interlocutor) Então não seria também supérfluo o preceito de Delfos: conhece-te a ti mesmo?

-(Epicteto) Isso, absolutamente não.

-(Interlocutor) Então qual seria o seu valor?

-(Epicteto) Se alguém prescrevesse a um coreuta o conhecer a si mesmo, ele não seguiria a ordem se alinhando aos demais coreutas e à harmonia do canto? E o marinheiro? E o soldado? Qual das duas coisas te parece: o homem foi feito [para viver] para si mesmo ou para comunidade?

-(Interlocutor) Para comunidade!

- (Epicteto) Pela ação de quem?

- (Interlocutor) Pela ação da natureza.

- (Epicteto) [Agora] o que ela é e como administra todas as coisas, e se é um ser ou não, dessas coisas não é necessário se ocupar.

---

22 Desejo é tradução de ὄρεξις, vocábulo relacionado ao verbo ὀρέγω que significa esticar, estender, de onde: estender a mão para pedir, desejar. O vocábulo ὄρεξις é o substantivo abstrato desse verbo, assumindo assim os significados de apetite e desejo. Para uma definição de seu significado ver Arist. *De Anima* 414b.

23 Recusa é nossa tradução para o vocábulo ἔκκλισις, substantivo abstrato que designa a ação de se desviar, se afastar. Diz-se a respeito da tropa de guerreiros que dá meia volta e bate em retirada, evitando o combate.

24 Impulso é tradução de ὁρμή, vocábulo que possui como significados mais concretos ataque, assalto, daí se compreende seus desdobramentos para as idéias de elã, impulso e desejo. Entre os estóicos designa o impulso dos sentidos ou instintos por oposição a livre vontade governada pela razão.

25 Refreamento é tradução para ἀφορμή, cujo significado mais concreto é o "de ponto do qual se lança um ataque". Entre os estóicos o vocábulo é utilizado para designar a idéia contrária a de ὁρμή.

7. Ἀρριανοῦ Ἐπικτητ<ε>ίου.

Ὁ τοῖς παροῦσι καὶ δεδομένοις ὑπὸ τῆς τύχης δυςχεραίνων ἰδιώτης ἐν βίῳ, ὁ δὲ ταῦτα γενναίως φέρων καὶ εὐλογίστω † τὰ ἀπ' αὐτῶν † ἀνὴρ ἀγαθὸς ἄξιος νομίζεσθαι.

7 (135). Estobeu, *Florilegium* IV. 44, 65

De Arriano, discípulo de Epicteto

Aquele que está descontente com o presente e com o que recebeu da fortuna é um homem comum na vida. Mas aquele que suporta as coisas com nobreza e faz bom uso do que advém delas é digno de ser considerado um homem bom.

8. Τοῦ αὐτοῦ.

Πάντα ὑπακούει τῷ κόσμῳ καὶ ὑπηρετεῖ καὶ γῆ καὶ θάλασσα καὶ ἥλιος καὶ τὰ λοιπὰ ἄστρα καὶ τὰ γῆς φυτὰ καὶ ζῷα· ὑπακούει δὲ αὐτῷ καὶ τὸ ἡμέτερον σῶμα καὶ νοσοῦν καὶ ὑγιαῖνον, ὅταν ἐκεῖνος θέλῃ, καὶ νεάζον καὶ γηρῶν καὶ τὰς ἄλλας διερχόμενον μεταβολάς. οὐκοῦν εὔλογον καί, ὃ ἐφ' ἡμῖν ἐστι, τουτέστι τὴν κρίσιν, μὴ ἀντιτείνειν μόνην πρὸς αὐτόν· καὶ γὰρ ἰσχυρός ἐστι καὶ κρείσσων καὶ ἄμεινον ὑπὲρ ἡμῶν βεβούλευται μετὰ τῶν ὅλων καὶ ἡμᾶς συνδιοικῶν. πρὸς δὲ τούτοις καὶ ἡ ἀντίπραξις μετὰ τοῦ ἀλόγου καὶ πλέον οὐδὲν ποιοῦσα πλὴν τὸ διακενῆς σπᾶσθαι καὶ περιπίπτειν ὀδύναις καὶ λύπαις ποιεῖ.

9. Ἐκ τῶν Ἀρριανοῦ προτρεπτικῶν ὁμιλιῶν.

Ἀλλὰ δὴ Σωκράτης Ἀρχελάου μεταπεμπομένου αὐτὸν ὡς ποιήσοντος πλούσιον ἐκέλευσεν ἀπαγγεῖλαι αὐτῷ διότι ‘Ἀθήνησι τέσσαρές εἰσι χοίνικες τῶν ἀλφίτων ὀβολοῦ ὤνιοι καὶ κρῆναι ὕδατος ῥέουσιν’. εἰ γάρ τοι μὴ ἱκανὰ τὰ ὄντα ἐμοί, ἀλλ' ἐγὼ τούτοις ἱκανὸς καὶ οὕτω κἀκεῖνα ἐμοί. ἢ οὐχ ὁρᾷς, ὅτι οὐκ εὐφωνότερον οὐδὲ ἥδιον ὁ Πῶλος τὸν τύραννον Οἰδίποδα ὑπεκρίνετο ἢ τὸν ἐπὶ Κολωνῷ ἀλήτην καὶ πτωχόν; εἶτα χείρων Πώλου ὁ γενναῖος ἀνὴρ φανεῖται, ὡς μὴ πᾶν τὸ περιτεθὲν ἐκ τοῦ δαιμονίου πρόσωπον ὑποκρίνασθαι καλῶς; οὐδὲ τὸν Ὀδυσσέα μιμήσεται, ὃς καὶ ἐν τοῖς ῥάκεσιν οὐδὲν μεῖον διέπρεπεν ἢ ἐν τῇ οὔλῃ χλαίνῃ τῇ πορφυρᾷ;

8 (136). Estobeu, *Florilegium* IV. 44, 66

Do mesmo

Todas as coisas obedecem e servem ao cosmo: a terra, o mar, o sol, os demais astros, as plantas e os animais da terra. Obedece a ele também o nosso corpo, tanto na doença quanto na saúde. Quando o cosmo deseja, tanto a juventude como a velhice e as demais transformações se operam. Não seria razoável também que o que está sob nosso controle, isto é, o juízo, não se opusesse sozinho a ele, pois [o cosmo] é poderoso, mais forte e melhor do que nós? Ele delibera administrando-nos conjuntamente com todas as outras coisas. Além disso, a resistência é irracional, nada fazendo senão aspirar em vão, cair em dores e criar sofrimentos.

9 (174). Estobeu, *Florilegium*, IV. 33, 28

Das homilias protrépticas de Arriano

Mas Sócrates, quando Arquelau[26] ordenou buscá-lo para torná-lo rico, mandou responder-lhe que “Em Atenas quatro coiniques[27] de cevada são comprados por um óbulo e fontes de água fluem”. Pois, se não te são suficientes as minhas coisas, eu sou suficiente para elas e, desse modo, elas para mim. Não vês que nem com uma voz mais bela e com mais prazer, Polos interpretava Édipo Rei ou Édipo em Colono, errante e mendicante? Ora, um homem nobre se apresentaria pior do que Polos, na medida em que não interpretasse belamente todo papel atribuído pela divindade? Não imitaria Odisseu, que em farrapos não se distinguiu menos que em espesso manto púrpura?

26 Rei da Macedônia entre os anos de 413 a 399 a.C.
27 Aproximadamente um quilo.

10. Ἀρριανοῦ.

Μεγαλόθυμοι πρᾴως εἰσί τινες ἡσυχῇ καὶ οἷον ἀοργήτως πράττοντες ὅσα καὶ οἱ σφόδρα τῷ θυμῷ φερόμενοι. φυλακτέον οὖν καὶ τὸ τούτων ἀβλέπτημα ὡς πολὺ χεῖρον ὂν τοῦ διατεινόμενον ὀργίζεσθαι. οὗτοι μὲν γὰρ ταχὺ κόρον τῆς τιμωρίας λαμβάνουσιν, οἱ δὲ εἰς μακρὸν παρατείνουσιν ὡς οἱ λεπτῶς πυρέττοντες.

11. Ἐπικτήτου.

Εἰς συμπόσιον μὲν οὖν παρακληθέντες τῷ παρόντι χρώμεθα· εἰ δέ τις κελεύοι τὸν ὑποδεχόμενον ἰχθῦς αὐτῷ παρατιθέναι ἢ πλακοῦντας, ἄτοπος ἂν δόξειεν. ἐν δὲ τῷ κόσμῳ αἰτοῦμεν τοὺς θεούς, ἃ μὴ διδόασι, καὶ ταῦτα πολλῶν ὄντων, ἅ γε ἡμῖν δεδώκασι.

12. Τοῦ αὐτοῦ.

Χαρίεντες, ἔφη, εἰσὶν οἱ μέγα φρονοῦντες ἐπὶ τοῖς οὐκ ἐφ' ἡμῖν. 'ἐγώ', φησί, 'κρείττων εἰμί <σου>· ἀγροὺς γὰρ ἔχω πολλούς, σὺ δὲ λιμῷ παρατείνῃ'. ἄλλος λέγει 'ἐγὼ ὑπατικός εἰμι'. ἄλλος 'ἐγὼ ἐπίτροπος'· ἄλλος 'ἐγὼ οὔλας τρίχας <ἔχω>'. ἵππος δ' ἵππῳ οὐ λέγει ὅτι 'κρείττων εἰμί σου· πολὺν γὰρ κέκτημαι χιλὸν καὶ κριθὰς πολλὰς καὶ χαλινοί μοί εἰσι χρυσοῖ καὶ ἐφίππ[ε]ια ποικίλα', ἀλλ' ὅτι 'ὠκύτερός σου εἰμί'. καὶ πᾶν ζῷον κρεῖττον καὶ χεῖρόν ἐστιν ἐκ τῆς ἑαυτοῦ ἀρετῆς καὶ κακίας. ἆρ' οὖν ἀνθρώπου μόνου ἀρετὴ οὐκ ἔστιν, ἀλλὰ δεῖ ἡμᾶς εἰς τρίχας ἀφορᾶν καὶ τὰ ἱμάτια καὶ τοὺς πάππους;

10 (nota ao fragmento 71). Estobeu, *Florilegium*, III. 20, 47

De Arriano

Algumas pessoas são animosas de maneira calma e fria, de tal modo que fazem calmamente tudo quanto os que se portam com ânimo violento. Portanto, o erro deles deve ser considerado como muito pior do que o dos que se irritam energicamente, pois esses logo ficam saciados da vingança, enquanto os outros a prolongam, como os que têm febre baixa.

11 (15). Estobeu, *Florilegium*, III. 4, 91

De Epicteto

Em um banquete, quando somos convidados, apanhamos o que está posto à frente. E se alguém ordenasse ao anfitrião oferecer-lhe peixe ou torta, pareceria extravagante. No cosmo, pedimos aos deuses as coisas que não nos deram, e isso entre as muitas que eles efetivamente nos deram.

12 (16). Estobeu, *Florilegium*, III. 4, 92

Do mesmo

São engraçados os grandes conhecedores das coisas que não estão sob o nosso controle, dizia Epicteto. “Eu”, eles dizem, “sou melhor que tu, pois tenho muitas terras, mas tu és um morto de fome”. Outro diz “Eu sou consular”. Outro “Sou intendente”. E outro “Eu tenho cabelos cacheados”. Um cavalo não diz para outro “Sou melhor do que tu, pois tenho muita forragem, muita cevada, meus freios são dourados e minha sela é adornada”, mas “Eu sou mais veloz do que tu”. Todo ser vivo é melhor ou pior por suas virtudes e vícios. Certamente o homem não possui apenas uma virtude, mas seria necessário voltarmos o olhar para os cabelos, as roupas e seus ilustres ancestrais?

13. Τοῦ αὐτοῦ.

Τῷ μὲν ἰατρῷ μηδὲν συμβουλεύοντι ἄχθονται οἱ κάμνοντες καὶ ἡγοῦνται ἀπεγνῶσθαι ὑπ' αὐτοῦ· πρὸς δὲ τὸν φιλόσοφον διὰ τί οὐκ ἄν τις οὕτω διατεθείη, ὥστε οἰηθῆναι ἀπεγνῶσθαι ὑπ' αὐτοῦ σωφρονήσειν, εἰ μηδὲν λέγοι [τι] πρὸς αὐτὸν τῶν χρησίμων;

14. Τοῦ αὐτοῦ.

Οἱ τὸ σῶμα εὖ διακείμενοι καὶ καύματα καὶ ψύχη ὑπομένουσιν· οὕτω δὲ καὶ οἱ τὴν ψυχὴν καλῶς διακείμενοι καὶ ὀργὴν καὶ λύπην καὶ περιχάρειαν καὶ τὰ ἄλλα πάθη φέρουσιν.

15. Ἐπικτήτου.

Θαυμαστὴ ἡ φύσις καί, ὥς φησιν ὁ Ξενοφῶν, φιλόζῳος. τὸ γοῦν σῶμα, τὸ πάντων ἀηδέστατον καὶ ῥυπαρώτατον, στέργομεν καὶ θεραπεύομεν· εἰ γὰρ ἔδει πέντε μόναις ἡμέραις θεραπεῦσαι τὸ τοῦ γείτονος σῶμα, οὐκ ἂν ὑπεμείναμεν. ὅρα γὰρ οἷόν ἐστιν ἕωθεν ἀναστάντα τρίβειν τοὺς ὀδόντας τοὺς ἀλλοτρίους καί τι τῶν ἀναγκαίων ποιήσαντα ἀπονίζειν ἐκεῖνα τὰ μέρη. τῷ ὄντι θαυμαστόν ἐστι φιλεῖν πρᾶγμα, ᾧ τοσαῦτα λειτουργοῦμεν καθ' ἑκάστην ἡμέραν. νάττω τουτονὶ τὸν θύλακον· εἶτα κενῶ· τί τούτου βαρύτερον; ἀλλὰ θεῷ δεῖ με ὑπηρετεῖν. διὰ τοῦτο μένω καὶ ἀνέχομαι λούων τὸ δύστηνον τοῦτο σωμάτιον, χορτάζων, σκέπων· ὅτε δὲ νεώτερος ἦν, καὶ ἄλλο τι προσέταττέ μοι καὶ ὅμως ἠνειχόμην αὐτοῦ. διὰ τί οὖν οὐκ ἀνέχεσθε, ὅταν ἡ δοῦσα ἡμῖν φύσις τὸ σῶμα ἀφαιρῆται; { – } Φιλῶ, φησιν, αὐτό. { – } Οὐκ οὖν, ὃ νῦν δὴ ἔλεγον, καὶ αὐτὸ τὸ φιλεῖν [αὐτὸ] ἡ φύσις σοι δέδωκεν; ἡ δ' αὐτὴ λέγει 'ἄφες αὐτὸ ἤδη καὶ μηκέτι πρᾶγμα ἔχε'.

13 (17). Estobeu, *Florilegium*, III. 4, 93

Do mesmo

Os doentes ficam irritados com o médico que nada lhes aconselha e pensam terem sido abandonados por ele. Por que alguém não agiria desse mesmo modo em relação ao filósofo e igualmente pensasse ter sido abandonado por ele em relação à sabedoria, por não lhe dizer mais nada de útil?

14 (18). Estobeu, *Florilegium*, III. 4, 94

Do mesmo

Os que dispõem de boa condição física suportam o calor e o frio. Assim também os que bem dispõem a alma suportam a raiva, a tristeza, a grande alegria e as outras emoções.

15 (94) Estobeu, *Florilegium*, IV, 53, 29

De Epicteto

- A natureza é espantosa e, como diz Xenofonte, amiga dos seres vivos. Por exemplo, o corpo, que é a coisa mais desagradável e suja de todas, nós amamos e cuidamos. Mas se fosse necessário cuidar do corpo do vizinho por somente cinco dias, nós não suportaríamos. Vê como é possível, ao levantar-se de manhã, escovar os dentes de outro e lavar suas partes, após ter feito uma de suas necessidades. Em verdade, é espantoso amar a coisa a qual tanto servimos todos os dias. Eu encho a minha pança e depois a esvazio, o que há de mais cansativo que isso? Mas ao deus me é necessário servir[28], por isso suporto e permaneço lavando, nutrindo e vestindo esse mísero e pequeno corpo. Quando eu era mais novo, outra coisa também me era atribuída e, igualmente, a suportei. Por que então não suportar quando a natureza, que nos dá o corpo, o toma [de volta]?

- [Mas] eu gosto do meu corpo

-[Mas] não é isso o que acabo de dizer, que a natureza também deu a ti gostares dele? E ela nos diz: "Deixa teu corpo aqui e não te importes mais com nada".

28 Servir aqui traduz ὑπηρετέω (*hupereteo*), que significa literalmente "servir como remador".

16. Τοῦ αὐτοῦ.

Ἐὰν νέος τελευτᾷ τὸν βίον †, ἐγκαλεῖ τοῖς θεοῖς †, ὅτι δέον αὐτὸν ἤδη ἀναπεπαῦσθαι πρᾶγμα ἔχει, καὶ οὐδὲν ἧττον, ὅταν προσίῃ ὁ θάνατος, ζῆν βούλεται καὶ πέμπει παρὰ τὸν ἰατρὸν καὶ δεῖται αὐτοῦ μηδὲν ἀπολιπεῖν προθυμίας καὶ ἐπιμελείας. θαυμαστοί, ἔφη, ἄνθρωποι μήτε ζῆν θέλοντες μήτε ἀποθνῄσκειν.

17. Ἐπικτήτου.

Ὅτῳ μετὰ ἀνατάσεως καὶ ἀπειλῆς ἐπιχειρεῖς, μέμνησο προλέγειν, ὅτι ἥμερος εἶ· καὶ οὐδὲν ἄγριον δράσας ἀμετανόητος καὶ ἀνεύθυνος διαγενήσῃ.

18. Ἐκ τῶν Ἐπικτήτου ἀπομνημονευμάτων.

Ἀλλ' ὁρῶ, φησί τις, τοὺς καλοὺς καὶ ἀγαθοὺς καὶ λιμῷ καὶ ῥίγει ἀπολλυμένους. { – } Τοὺς δὲ μὴ καλοὺς καὶ μὴ ἀγαθοὺς οὐχ ὁρᾷς τρυφῇ καὶ ἀλαζονείᾳ καὶ ἀπειροκαλίᾳ ἀπολλυμένους; { – } Ἀλλ' αἰσχρὸν τὸ παρ' ἄλλου τρέφεσθαι. { – } Καὶ τίς, ὦ κακόδαιμον, αὐτὸς ἐξ ἑαυτοῦ τρέφεται ἄλλος γε ἢ ὁ κόσμος; ὅστις γοῦν ἐγκαλεῖ τῇ προνοίᾳ, ὅτι οἱ πονηροὶ οὐ διδόασι δίκην, ὅτι ἰσχυροί εἰσι καὶ πλούσιοι, ὅμοιόν τι δρᾷ ὥσπερ εἰ τοὺς ὀφθαλμοὺς ἀπολωλεκότων αὐτῶν ἔλεγε μὴ δεδωκέναι δίκην αὐτούς, ὅτι οἱ ὄνυχες ὑγιεῖς εἶεν. ἐγὼ μὲν γάρ φημι πολὺ [αἱ] διαφέρειν μᾶλλον ἀρετὴν † κακίας ἢ ὀφθαλμοὶ ὀνύχων διαφέρουσιν.

16 (95) Estobeu, *Florilegium*, IV. 53, 30
Do mesmo

Quando um jovem está próximo de perder a vida, ele censura os deuses porque está sendo levado fora da hora. Quando um velho não finda a vida também censura aos deuses porque, já estando na hora de morrer, tem problemas. Entretanto, quando a morte se aproxima, deseja viver e manda chamar o médico e lhe roga para não dispensar o zelo e o cuidado. "Que homens espantosos", dizia Epicteto, "que não querem viver nem morrer".

17 (71) Estobeu, *Florilegium*, III. 20, 67
De Epicteto

Caso ataques alguém com inflexibilidade e ameaças, lembra que és civilizado e que, não agindo de modo selvagem, passarás a vida sem arrependimento e sem ter que prestar contas.

18. (omitido[29])Estobeu, *Eclogae*, I, 3, 50
Das ***Memoráveis de Epicteto***

- (interlocutor) Mas eu vejo os bons e os virtuosos perecendo de fome e frio!
- (Epicteto) E tu não vês os que não são bons nem virtuosos perecendo pela luxúria, jactância e baixeza?
- (interlocutor) Mas ser sustentado por outros é vergonhoso[30]!
- (Epicteto) E quem, ó infeliz, se sustenta por si mesmo senão o cosmo? Quem acusa a providência porque os iníquos não são punidos, pois são ricos e fortes, age de um modo semelhante àquele que diz, a respeito dos que perderam os olhos, que eles não foram punidos, pois suas unhas estariam intactas. Pois eu digo: a virtude difere muito mais das posses do que os olhos diferem das unhas.

---

29 São ditos "omitidos" aqueles fragmentos que não aparecem na edição de Schweighauser de 1800, tendo sido adicionados posteriormente ao *corpus epictetianum.*
30 Isto é: mais vergonhoso que morrer de luxúria e ser rico é ser sustentado por outro.

19. Ἐκ τῶν Ἐπικτήτου <ἀπομνημονευμάτων>.

[...] τοὺς δυσχερεῖς δὲ φιλοσόφους εἰς μέσον ἄγοντες, οἷς οὐ δοκεῖ κατὰ φύσιν ἡδονὴ εἶναι, ἀλλ' ἐπιγίγνεσθαι τοῖς κατὰ φύσιν, δικαιοσύνῃ, σωφροσύνῃ, ἐλευθερίᾳ. τί ποτ'οὖν ἡ ψυχὴ ἐπὶ μὲν τοῖς τοῦ σώματος ἀγαθοῖς μικροτέροις οὖσι χαίρει καὶ γαληνιᾷ, ὥς φησιν Ἐπίκουρος, ἐπὶ δὲ τοῖς αὑτῆς ἀγαθοῖς μεγίστοις οὖσιν οὐχ ἥδεται; καίτοι καὶ δέδωκέ μοι ἡ φύσις αἰδῶ καὶ πολλὰ ὑπερυθριῶ, ὅταν τι ὑπολάβω αἰσχρὸν λέγειν. τοῦτό με τὸ κίνημα οὐκ ἐᾷ τὴν ἡδονὴν θέσθαι ἀγαθὸν καὶ τέλος τοῦ βίου.

20. Ἐκ τῶν Ἐπικτήτου ἀπομνημονευμάτων.

Ἐν Ῥώμῃ αἱ γυναῖκες μετὰ χεῖρας ἔχουσι τὴν Πλάτωνος Πολιτείαν, ὅτι κοινὰς ἀξιοῖ εἶναι τὰς γυναῖκας. τοῖς γὰρ ῥήμασι προσέχουσι τὸν νοῦν, οὐ τῇ διανοίᾳ τἀνδρός, ὅτι οὐ γαμεῖν κελεύων καὶ συνοικεῖν ἕνα μιᾷ εἶτα κοινὰς εἶναι βούλεται τὰς γυναῖκας, ἀλλ' ἐξαιρῶν τὸν τοιοῦτον γάμον καὶ ἄλλο τι εἶδος γάμου εἰσφέρων. καὶ τὸ ὅλον οἱ ἄνθρωποι χαίρουσιν ἀπολογίας τοῖς ἑαυτῶν ἁμαρτήμασι πορίζοντες· ἐπεί τοι φιλοσοφία φησίν, ὅτι οὐδὲ τὸν δάκτυλον ἐκτείνειν εἰκῇ προσήκει.

21. Ἐκ τῶν Ἐπικτήτου ἀπομνημονευμάτων.

Εἰδέναι χρή, ὅτι οὐ ῥᾴδιον δόγμα παραγενέσθαι ἀνθρώπῳ, εἰ μὴ καθ' ἑκάστην ἡμέραν τὰ αὐτὰ καὶ λέγοι τις καὶ ἀκούοι καὶ ἅμα χρῷτο πρὸς τὸν βίον.

19 (52). Estobeu, *Florilegium*, III. 6, 57.

Das ***Memoráveis de Epicteto***
Trazendo à baila os filósofos difíceis, para os quais o prazer não parece ser segundo a natureza, mas, segundo a natureza, surge da justiça, da sabedoria e da liberdade, porque então a alma se acalma com os benefícios do corpo, que são menores, como dizia Epicuro, e não se alegra com os próprios benefícios, que são maiores? Em verdade, a natureza dotou-me de vergonha e freqüentemente enrubesço quando me ponho a dizer algo infame. É essa emoção que não me permite colocar o prazer como o bem e a finalidade da vida.

20. (53). Estobeu, *Florilegium*, III. 6, 58.

Das ***Memoráveis de Epicteto***
Em Roma, as mulheres têm nas mãos a *República* de Platão, pois consideraria digno que elas fossem comuns [a todos][31]. Ora, elas se prendem às palavras e não à intenção dele, porque não é exortando o casamento e a habitação conjunta de um homem com uma mulher que ele almeja que elas sejam comuns [a todos][32], mas suprimindo esse tipo de casamento e propondo outro. Em geral os homens se regozijam com as justificativas dos próprios erros. Em verdade a filosofia nos diz "não convém apontar o dedo ao acaso"[33].

21 (78). Estobeu, *Florilegium*, III. 29, 84
Das ***Memoráveis de Epicteto***
É preciso saber que não seria fácil um dogma auxiliar um homem se a cada dia ele não falasse e não ouvisse as mesmas coisas e, ao mesmo tempo, não as praticasse na vida.

31 Quer dizer: não pertencentes a um só homem, mas podendo deitar-se com vários.
32 Que dizer: Platão não propõe que as mulheres se casem e sejam adúlteras.
33 Cf. *Diatribes, II, 11, 17.*

FRAGMENTOS DE EPICTETO CITANDO AGRIPINO

22. Ἐπικτήτου.
Διὰ τοῦτο ἐπαινεῖν Ἀγριππῖνον δίκαιον, ὅτι πλείστου ἄξιος ἀνὴρ γενόμενος οὐδεπώποτε ἐπῄνεσεν ἑαυτόν, ἀλλ' εἰ καὶ ἄλλος τις αὐτὸν ἐπῄνει, ἠρυθρία. οὗτος δ', ἔφη, ὁ ἀνὴρ τοιοῦτος ἦν, ὥστε τοῦ συμβαίνοντος ἀεὶ ἑαυτῷ δυσκόλου ἔπαινον γράφειν· εἰ μὲν πυρέττοι, πυρετοῦ· εἰ δὲ ἀδοξοῖ, ἀδοξίας· εἰ δὲ φ<ε>ύγοι, φυγῆς. καί ποτε μέλλοντι, ἔφη, <αὐ>τῷ ἀριστήσειν ἐπέστη ὁ λέγων, ὅτι φεύγειν αὐτὸν κελεύει Νέρων, καὶ ὃς [ἔφη] 'οὐκοῦν', εἶπεν, 'ἐν Ἀρικίᾳ ἀριστήσομεν'.

22 (56). Estobeu, *Florilegium*, III.7, 16
De Epicteto
Por isso é justo louvar Agripino, porque, tendo se tornado homem do mais alto valor, nunca louvou a si próprio, e também enrubescia se alguém o elogiava. Esse homem era tal, dizia Epicteto, que, sempre quando algo desagradável lhe acontecia, escrevia um elogio. Se tivesse febre, [um elogio] da febre. Se desonrado, da desonra. Se exilado, do exílio. Uma vez, quando já estava à mesa, alguém se apresentou dizendo que Nero ordenou-o ao exílio. Então ele disse: "Comeremos em Arícia".

23. ' Αγριππίνου.
Ὁ Ἀγριππῖνος ἡγεμονεύων ἐπειρᾶτο τοὺς καταδικαζομένους ὑπ' αὐτοῦ πείθειν, ὅτι προσήκει αὐτοῖς καταδικασθῆναι. οὐ γὰρ ὡς πολέμιος αὐτοῖς, ἔφη, οὐδ' ὡς λῃστὴς καταφέρω τὴν ψῆφον αὐτῶν, ἀλλ' ὡς ἐπιμελητὴς καὶ κηδεμών, ὥσπερ καὶ ὁ ἰατρὸς τὸν τεμνόμενον παραμυθεῖται καὶ πείθει παρέχειν ἑαυτόν.

23 (omitido). Estobeu, Florilegium, IV. 7, 44
De Agripino
Quando governador, Agripino tentava persuadir os condenados por ele que lhes convinha a condenação. "Nem como inimigo nem como ladrão", dizia, "determino a sentença contra eles, mas como curador e guardião. Da mesma maneira o médico encoraja e persuade aquele que está sendo operado a colaborar espontaneamente".

FRAGMENTOS DE EPICTETO EM MARCO AURÉLIO ANTONINO[34]

24. Ψυχάριον εἶ βαστάζον νεκρόν, ὡς Ἐπίκτητος ἔλεγεν.

24 (176) Marco Aurélio, 4, 41
Como dizia Epicteto, tu és uma pequena alma carregando um cadáver.

25. Τέχνην ἔφη δὲ περὶ τὸ συγκατατίθεσθαι εὑρεῖν καὶ ἐν τῷ περὶ τὰς ὁρμὰς τόπῳ τὸ προσεκτικὸν φυλάσσειν, ἵνα μεθ' ὑπεξαιρέσεως, ἵνα κοινωνικαί, ἵνα κατ' ἀξίαν, καὶ ὀρέξεως μὲν παντάπασιν ἀπέχεσθαι, ἐκκλίσει δὲ πρὸς μηδὲν τῶν οὐκ ἐφ' ἡμῖν χρῆσθαι.

25 (177) Marco Aurélio, 11, 37
[Epicteto] dizia [ser necessário] descobrir a arte relativa ao assentimento e, quanto aos impulsos, vigiá-los atentamente para que se tornem gradualmente moderados, sociais e dignos; abster-se complemente dos desejos, e evitar tomar qualquer uma das coisas que não estejam sob o nosso controle.

26. Οὐ περὶ τοῦ τυχόντος οὖν, ἔφη, ἐστὶν ὁ ἀγών, ἀλλὰ περὶ τοῦ μαίνεσθαι ἢ μή.

26 (178) Marco Aurélio, 11, 38
A luta não é por algo banal, mas por ficar louco ou não.

34 Marco Aurélio Antonino, imperador romano de 161 a 180, era afeito à reflexão filosófica, tendo aos doze anos abraçado o estoicismo. Nos momentos em que suas obrigações político-administrativas lhe permitiam, ele tinha o hábito de escrever suas reflexões, que chegaram até nós reunidas na obra *Meditações*. É dela que se extraíram alguns fragmentos referente a Epicteto apresentados aqui.

27. Ὁ Σωκράτης ἔλεγεν ‘τί θέλετε; λογικῶν ψυχὰς ἔχειν ἢ ἀλόγων;’ ‘λογικῶν’. ‘τίνων λογικῶν; ὑγιῶν ἢ φαύλων;’ ‘ὑγιῶν.’ ‘τί οὖν οὐ ζητεῖτε;’ ‘ὅτι ἔχομεν.’ ‘τί οὖν μάχεσθε καὶ διαφέρεσθε;’

28- “Ἀτυχὴς ἐγώ, ὅτι τοῦτό μοι συνέβη.” οὐμενοῦν ἀλλ' εὐτυχὴς ἐγώ, ὅτι τούτου μοι συμβεβηκότος ἄλυπος διατελῶ, οὔτε ὑπὸ παρόντος θραυόμενος οὔτε ἐπιὸν φοβούμενος. συμβῆναι μὲν γὰρ τὸ τοιοῦτο παντὶ ἐδύνατο, ἄλυπος δὲ οὐ πᾶς ἐπὶ τούτῳ ἂν διετέλεσε. διὰ τί οὖν ἐκεῖνο μᾶλλον ἀτύχημα ἢ τοῦτο εὐτύχημα; λέγεις δὲ ὅλως ἀτύχημα ἀνθρώπου, ὃ οὐκ ἔστιν ἀπότευγμα τῆς φύσεως τοῦ ἀνθρώπου; ἀπότευγμα δὲ τῆς φύσεως τοῦ ἀνθρώπου εἶναι δοκεῖ σοι, ὃ μὴ παρὰ τὸ βούλημα τῆς φύσεως αὐτοῦ ἐστι; τί οὖν; τὸ βούλημα μεμάθηκας· μήτι οὖν τὸ συμβεβηκὸς τοῦτο κωλύει σε δίκαιον εἶναι, μεγαλόψυχον, σώφρονα, ἔμφρονα, ἀπρόπτωτον, ἀδιάψευστον, αἰδήμονα, ἐλεύθερον, τἆλλα, ὧν συμπαρόντων ἡ φύσις ἡ τοῦ ἀνθρώπου ἀπέχει τὰ ἴδια; μέμνησο λοιπὸν ἐπὶ παντὸς τοῦ εἰς λύπην σε προαγομένου τούτῳ χρῆσθαι τῷ δόγματι· ὅτι οὐχὶ τοῦτο ἀτύχημα, ἀλλὰ τὸ φέρειν αὐτὸ γενναίως εὐτύχημα.

27 (omitido). Marco Aurélio, 11, 39

Sócrates dizia:
–O que desejais ter, as almas dos racionais ou dos irracionais?”
–Dos racionais!
–De quais deles? Dos sãos ou dos viciosos?
–Dos sãos.
–Por que então não as buscais?
–Porque nós as possuímos!
–Por que então brigais e mantendes disputas?

28 (omitido). Marco Aurélio, 4, 49, 2-6

Eu sou um desafortunado porque isso aconteceu a mim? Absolutamente não! Mas, pelo contrário, sou afortunado porque, mesmo isso tendo me acontecido, continuo a viver sem aflição, nem aquebrantado pelo presente, nem temendo o que virá. Tal coisa poderia ter acontecido a qualquer um, mas nem todos depois continuariam a viver sem aflição. Por que então um seria infortúnio e o outro boa fortuna? Em geral, a respeito do infortúnio do homem, não dizes que é um fracasso de sua natureza? Mas o insucesso da natureza do homem não parece ser para ti o que não está de acordo com a vontade da natureza dele? Mas então conheces a vontade dela? Então que esse conhecimento não te impeça de ser justo, magnânimo, moderado, sensato, paciente, verdadeiro, reservado e livre. [E nem de apresentar] as demais qualidades com as quais a natureza do homem obtém as coisas apropriadas. Portanto, diante de tudo que te conduz para a aflição, lembra de usar este dogma: *que isto não é um infortúnio, mas suportá-lo com nobreza é boa fortuna.*

FRAGMENTOS DE EPICTETO EM AULO GÉLIO[35] E ARNÓBIO

29. [4] [...] philosophus in disciplina Stoica celebratus [...] [14] Atque ibi coram ex sarcinula sua librum protulit Epicteti philosophi quintum διαλέξεων, quas ab Arriano digestas congruere scriptis Ζήνωνος et Chrysippi non dubium est. [15] In eo libro Graeca scilicet oratione scriptum ad hanc sententiam legimus: 'Visa animi, quas φαντασίας philosophi appellant, quibus mens hominis prima statim specie accidentis ad animum rei pellitur, non uoluntatis sunt neque arbitraria, sed ui quadam sua inferunt sese hominibus noscitanda; [16] probationes autem, quas συγκαταθέσεις uocant, quibus eadem uisa noscuntur ac diiudicantur uoluntariae sunt fiuntque hominum arbitratu. [17] Propterea cum sonus aliquis formidabilis aut caelo aut ex ruina aut repentinus nescio cuius periculi nuntius uel quid aliud est eiusmodi factum, sapientis quoque animum paulisper moueri et contrahi et pallescere necessum est non opinione alicuius mali praecepta, sed quibusdam motibus rapidis et inconsultis officium mentis atque rationis praeuertentibus. [18] Mox tamen ille sapiens ibidem τὰς τοιαύτας φαντασίας, id est uisa istaec animi sui terrifica, non adprobat, hoc est οὐ συγκατατίθεται οὐδὲ προσεπιδοξάζει, sed abicit respuitque, nec ei metuendum esse in his quicquam uidetur. [19] Atque hoc inter insipientis sapientisque animum differre dicunt, quod insipiens, qualia sibi esse primo animi sui pulsu uisa sunt saeua et aspera, talia esse uero putat et eadem incepta, tamquam si iure metuenda sint, sua quoque adsensione adprobat καὶ προσεπιδοξάζει – hoc enim uerbo Stoici, cum super ista re disserunt, utuntur –, [20] sapiens autem, cum breuiter et strictim colore atque uultu motus est, οὐ συγκατατίθεται, sed statum uigoremque sententiae suae retinet, quam de huiuscemodi uisis semper habuit ut de minime metuendis, sed fronte falsa et formidine inani territantibus.'

[21] Haec Epictetum philosophum ex decretis Stoicorum sensisse atque dixisse in eo, quo dixi, libro legimus adnotandaque esse idcirco existimauimus, ut rebus forte id genus, quibus dixi, obortis pauescere sensim et quasi albescere non insipientis esse hominis neque ignaui putemus et in eo tamen breui motu naturali magis infirmitati cedamus, quam quod esse ea, qualia uisa sunt, censeamus.

35 Aulo Gélio (+/- 115 – 180) era de família abastada. Em sua juventude viajou para Atenas onde seguiu cursos e palestras de importantes mestres de então. De suas anotações dessa época surgiu a obra *Noites Áticas*, um trabalho eclético de vinte volumes na qual trata de vários temas. Graças às suas compilações e anotações hoje possuímos informações de trabalhos que estariam perdidos para sempre. É dessa obra que se extraíram alguns fragmentos de Epicteto aqui apresentados.

29. (180) Aulo Gélio, *Noites Áticas*, XIX, 1, 14-21

(4) Um celebrado filósofo da doutrina estóica [...] (14) retirou de sua bagagem de mão o quinto livro das Διαλέξεις[36] do filósofo Epicteto, as quais, publicadas por Arriano, concordam indubitavelmente com os escritos de (15) Zenão e Crisipo. Naquele livro, escrito, é claro, em língua grega, lemos a seguinte sentença: *As coisas vistas pelo espírito (as quais os filósofos chamam de φαντασ ίας), pelas quais a mente humana é atingida pela primeira imagem do que quer que penetre o espírito, não estão <sujeitas> nem à vontade nem ao arbítrio, se apresentam por alguma força que lhes é própria, dando-se ao conhecimento dos homens; os assentimentos, porém, (16) (os quais os filósofos chamam de συ γκαταθέσεις), pelos quais as mesmas coisas são reconhecidas (17), são voluntários e feitos pelo arbítrio humano. Por essa razão, quando algum ruído terrível,<proveniente> ou do céu ou de um desabamento ou do anúncio de algum perigo de modo repentino e desconhecido ou de alguma outra coisa dessa maneira se faz, também o espírito do sábio necessariamente é movido, se contrai e empalidece, não pela antecipação de algum mal, mas por certos movimentos rápidos e irrefletidos que suspendem o ofício da mente e da razão. Todavia, em seguida, esse mesmo sábio τάς τοιαύτας φαντασίας[37] (isto é: estas visões que atemorizam seu espírito) não aprova (isto é: οὐ συγκατατίθεται οὐδέ προσεπιδοξάζει[38]), mas as rejeita e repele, e não vê nelas o que quer que deva ser temido. (19) E esses filósofos dizem diferir o espírito do sábio e do não-sábio no seguinte: que o não-sábio verdadeiramente pensa serem tais e quais as primeiras coisas violentas e ásperas vistas pela sensação de seu espírito, como se com razão devessem ser temidas, e também com seu assentimento as aprova (20) καί προσεπιδοξάζει[39] (pois os estóicos usam essa palavra quando falam sobre essas coisas); o sábio, porém, quando é movido breve e ligeiramente na cor e no vulto, οὐ συγκατατίθεται[40], mas mantém o status e o vigor das opiniões que sempre teve sobre as visões desse tipo, que não devem ser minimamente temidas, mas são aterrorizantes por sua falsa aparência e por seu oco espantalho.* (21) Essas coisas o filósofo Epicteto, a partir dos princípios dos estóicos, pensou e disse naquele já mencionado livro que lemos.

36 Na transcrição: *Dialexeis* (de *dialexis*: conversa, discussão), como Gélio chama as *Diatribes* de Epicteto.

37 Na transcrição para o latim: *tas toiautas phantasias*. Em português: “as impressões tais” (ou “de tal qualidade”).

38 Na transcrição para o latim: *ou sunkatatithetai oude prosepidoxazei*. Em português: “não dá assentimento nem confirma por aprovação”.

39 Na transcrição para o latim: *kai prosepidoxazei*. Em português: “e confirma por aprovação.”.

40 Na transcrição para o latim: *kai sunkatatithetai*. Em português: “não dá assentimento”.

30. [1] Fauorinum ego audiui dicere Epictetum philosophum dixisse plerosque istos, qui philosophari uiderentur, philosophos esse huiuscemodi ἄνευ τοῦ πράττειν, μέχρι τοῦ λέγειν, id significat 'factis procul, uerbis tenus'. [2] Iam illud est uehementius, quod Arrianus solitum eum dictitare in libris, quos de dissertationibus eius composuit, scriptum reliquit. [3] 'Nam cum' inquit 'animaduerterat hominem pudore amisso, inportuna industria, corruptis moribus, audacem, confidentem, linguam ceteraque omnia praeterquam animum procurantem, istiusmodi' inquit 'hominem cum uiderat studia quoque et disciplinas philosophiae contrectare et physica adire et meditari dialectica multaque id genus theoremata aucupari sciscitarique, inclamabat deum atque hominum fidem ac plerumque inter clamandum his eum uerbis increpabat: "Ἄνθρωπε, ποῦ βάλλεις; σκέψαι, εἰ κακάθαρται τὸ ἀγγεῖον· ἂν γὰρ εἰς τὴν οἴησιν αὐτὰ βάλλῃς, ἀπώλετο· ἢν σαπῆι, οὖρον ἢ ὄξος γένοιτο ἢ εἴ τι τούτων χεῖρον.' [4] Nil profecto his uerbis grauius, nil uerius, quibus declarabat maximus philosophorum litteras atque doctrinas philosophiae, cum in hominem falsum atque degenerem tamquam in uas spurcum atque pollutum influxissent, uerti, mutari, corrumpi et, quod ipse κυνικώτερον ait, urinam fieri aut si quid est urina spurcius. [5] Praeterea idem ille Epictetus, quod ex eodem Fauorino audiuimus, solitus dicere est duo esse uitia multo omnium grauissima ac taeterrima intolerantiam et incontinentiam, cum aut iniurias, quae sunt ferendae, non toleramus neque ferimus, aut a quibus rebus uoluptatibusque nos tenere debemus, non tenemus. [6] 'Itaque' inquit 'si quis haec duo uerba cordi habeat eaque sibi imperando atque obseruando curet, is erit pleraque inpeccabilis uitamque uiuet tranquillissimam.' Verba duo haec dicebat: ἀνέχου et ἀπέχου.

31.

Cum de animarum agitur salute ac de respectu nostri, aliquid et sine ratione faciendum est, ut Epictetum dixisse adprobat Arrianus.

30. (179) Aulo Gélio, *Noites Áticas*, XVII, 19.

Eu ouvi Favorino dizer que o filósofo Epicteto havia dito que muitos destes que são vistos filosofar são filósofos da seguinte maneira: ἄνευ τοῦ πράτειν μέχρι τοῦ λέγειν[41] (isso significa: "Longe dos atos, limitado às palavras"). (2) Já a seguinte expressão é mais veemente, a que lhe era costume ditar a Arriano nos livros que este compôs sobre os discursos daquele, (3) escrito que nos legou. Com efeito, quando, diz Arriano, <Epicteto> observava um homem que perdera o pudor, persistente na maldade, com os modos corrompidos, audacioso, impudente na fala e cuidando de todas as demais coisas, exceto da alma, quando Epicteto via um homem assim, diz Arriano, tratar tanto dos escritos quanto das disciplinas da filosofia e aprender a física e meditar sobre a dialética e investigar e consultar muitos teoremas desse gênero, Epicteto evocava a Deus e a fé dos homens e, geralmente, reprovava-o, em meio ao clamor, com as seguintes palavras: "Homem, aonde atiras essas coisas? Verifica antes se o vaso foi limpo. Pois se as atirares <aí> por presunção, elas serão destruídas. E, se apodrecerem, se tornam urina ou vinagre ou algo pior, se houver". Nada, com certeza, é mais pesado que essas palavras, nada mais verdadeiro, <palavras> com as quais o mais elevado entre os filósofos declarava que as letras e as doutrinas da filosofia, quando vertidas num homem falso e degenerado, assim como se num vaso imundo e poluído, são destruídas, modificadas, corrompidas e (o que ele mesmo disse ao modo dos cínicos) tornam-se urina ou algo, se houver, mais imundo que urina. (5) Além disso, esse mesmo Epicteto, como ouvimos de Favorino, costumava dizer haver dois vícios entre todos de longe mais graves e perniciosos: a incapacidade de resistir e a incapacidade de abster-se, quando ou não resistimos aos sofrimentos que devem ser suportados, ou não nos abstemos de coisas e desejos em relação aos quais devemos nos conter. "Assim," diz Epicteto, "se alguém tomar a peito estas duas palavras e as velar através do governo e da observação de si mesmo, na maior parte do tempo não cometerá faltas e viverá uma vida tranqüilíssima". Essas duas palavras Epicteto dizia serem ἀνέχου[42] (Resiste) e ἀπέχου[43] (Abstém-te).

31. (181). Arnobius, *Adversus Gentes, 2, 78*:

Quando se trata da saúde de nossas almas e de nossa dignidade, algo deve ser feito, mesmo sem a razão, como confirmava Arriano ter dito Epicteto.

41 Na transcrição para o latim: *aneu tou pratein mechri tou legein.*
42 Na transcrição para o latim: *anechou.*
43 Na transcrição para o latim: *apechou.*

FRAGMENTOS DE AUTORIA DUVIDOSA E ESPÚRIOS

32. Ἐκ τοῦ Ἐπικτήτου ἐγχειριδίου.

Μηδενὸς οὕτως ἐν παντὶ προνόει, ὡς τοῦ ἀσφαλοῦς· ἀσφαλέστερον γὰρ τοῦ λέγειν τὸ σιγᾶν· ἐᾶν δὲ τὸ λέγειν, ὅσα δίχα ἔσται νοῦ καὶ ψόγου [...]

33. [Ἐπικτήτου.]

Οὔτε ναῦν ἐξ ἑνὸς ἀγκυρίου οὔτε βίον ἐκ μιᾶς ἐλπίδος ἁρμοστέον.

34. Τοῦ αὐτοῦ.

Καὶ τοῖς σκέλεσι καὶ ταῖς ἐλπίσι τὰ δυνατὰ δεῖ διαβαίνειν.

35. [Ἐπικτήτου.]

Ψυχὴν σώματος ἀναγκαιότερον ἰᾶσθαι· τοῦ γὰρ κακῶς ζῆν τὸ τεθνάναι κρεῖσσον.

32 (77). Estobeu, *Florilegium*, III. 35, 10

Do manual de Epicteto

Assim, em tudo, de coisa alguma toma antes o cuidado do que da segurança. Pois mais seguro do que falar é silenciar. E, ao falar, deixa tudo quanto seja sem senso e repleto de censura.

33 (89). Estobeu, *Florilegium*, IV. 46, 22 De Epicteto

Não se deve prender nem o navio a uma pequena âncora, nem a vida a uma única expectativa.

34 (90). Estobeu, *Florilegium*, IV. 46, 23

Do mesmo

Com as pernas e com as expectativas é necessário marchar de acordo com as possibilidades.

35 (92). Estobeu, *Florilegium*, IV. 53, 27. De Epicteto

É mais necessário cuidar da alma do que do corpo, pois é preferível estar morto a viver mal.

36. [Τοῦ αὐτοῦ (Ἐπικλήτου)].

Τῶν ἡδέων τὰ σπανιώτατα γινόμενα μάλιστα τέρπει.

37. Τοῦ αὐτοῦ.

Εἴ τις ὑπερβάλλοι τὸ μέτριον, τὰ ἐπιτερπέστατα ἀτερπέστατα ἂν γίνοιτο.

38. Οὐδεὶς ἐλεύθερος ἑαυτοῦ μὴ κρατῶν.

39. Ἀθάνατον χρῆμα ἡ ἀλήθεια καὶ ἀίδιον, παρέχει δὲ ἡμῖν οὐ κάλλος χρόνῳ μαραινόμενον οὔτε παρρησίαν ἀφαιρε[ῖ]τὴν ὑπὸ δίκης, ἀλλὰ τὰ δίκαια καὶ τὰ νόμιμα διακρίνουσα ἀπ' αὐτῶν τὰ ἄδικα καὶ ἀπελέγχουσα.

36. (54) Estobeu, *Eclogae*, III, 6, 59. Demócrito Frag. 232 (Diels).

[Do mesmo (Epicleto)]

Das coisas prazerosas, as que são mais raras agradam mais.

37. (55) Estobeu, *Eclogae*, III, 6, 60. Demócrito Frag. 233 (Diels)

Do mesmo

Se alguém ultrapassa a medida, as coisas que produzem mais deleite tornam-se as que produzem menos deleite.

38 (114). *Florilegium*, Cod. Paris 1168 [501e]

Ninguém é livre não sendo senhor de si mesmo

39 (140). Antonius, 1, 21

A verdade é imortal e eterna. Para nós, ela proporciona não a beleza, que é consumida pelo tempo, nem a franqueza, que é arrebatada pela justiça, mas as coisas justas e usuais, separando delas as injustas e refutando-as.

NOTAS AOS FRAGMENTOS

Aldo Dinucci

1 (169) Em Estobeu esse fragmento aparece em seção intitulada Περί τῶν ἐφ᾽ ἡμῖν ("Das coisas que dependem de nós") no qual há citações do *Manual de Epicteto*. O título do fragmento nos é dado por Estobeu. O mesmo título ostentam os fragmentos 69, 70, 134 e 167: Ῥούφου ἐκ τοῦ Ἐπικτήτου περὶ φιλίας. Em latim: *Rufus ex dictis Epicteti de Amicitia*. O que em português pode-se traduzir assim: "Rufo, a partir dos ditos sobre a Amizade de Epicteto".

Não há registro, entretanto, de obra epictetiana com esse título. Schweighauser (p. 195) conjectura tratar-se de título de diatribe perdida na qual Epicteto citava diversas vezes seu mestre Musônio. Embora haja, entre as diatribes restantes, uma com o título Περί φιλί ας ("Da amizade"), nada impede que houvesse outras igualmente nomeadas, já que há várias diatribes intituladas Περί προνοίας ("Da providência"), quais sejam: I, 4; I, 16; III, 17.

2 (167) Tal fragmento aparece em Estobeu em seção intitulada Π ερί ἀνεξικακίας ("Da resignação").

3 (69) Tal fragmento aparece em Estobeu em seção intitulada Περὶ ὀργῆς ("Da Cólera").

4 (70) Em todos os fragmentos preservados da obra de Estobeu esse fragmento termina abruptamente com κατὰ τὸ ἀδύνατον εἶναι, o que, como observa Schweighauser (p. 196), deixa o fragmento sem sentido. Isto não foi notado por ninguém antes de Schweighauser, que conjecturou que a última palavra seria ὠφελεῖν **ou** βλάψαι.

6 (175) Fragmento de diatribe epictetiana que aparece em Estobeu sob o título *Arrianus Epicteti de superfluo studio* ("Arriano: Dos estudo supérfluos, de Epicteto"). Schweighauser (p.213-215)

conjectura que o título da diatribe perdida deveria ter sido: Πρός τόν ἐκ περιουσίας περὶ τήν φυσιολογίαν ἐσπουδακότα. Em latim: *Ad eum Qui superflua opera phisiologiae studio incumbebat*, o que, em português, pode-se traduzir assim: "Àquele que se ocupava com os estudos supérfluos de fisiologia". "Fisiologia" significa aqui algo como estudo dos princípios da natureza (*physis*), estudos metafísicos, ontológicos. A insistência de Epicteto em designar como inútil a investigação sobre se a natureza, em última instância, é ser ou não (πότερον οὔσης ἤ μή) parece desvelar uma crítica à Escola Peripatética, para a qual essa é uma das questões principais da filosofia, qual seja, o problema do ser (Cf. Aristóteles, *Categorias*, 1 b ss.; Aristóteles, *Metafísica*, IV, 4).

Em Schweighauser, o fragmento termina em ἐπιστραφῆναι.

7. (135) Após a primeira lacuna seguimos a conjectura presente na edição da Loeb: <πρός εὐλογίστων>.

9 (174) Tal fragmento aparece em Estobeu em seção intitulada Σύνκρισις πενίας καὶ πλουτοῦ ("Comparação da riqueza e da pobreza"), citado como *ex homilia proptreptica* em latim, mas em grego simplesmente ἐκ τῶν Ἀρριανοῦ. O título, conjectura Schweighauser (p. 212-213), deveria ser não ἐκ τῶν Ἀρριανοῦ προτρεπτικῶν ὁμιλιῶν, mas *homilia sive familiares dissertationes Epicteti ab Arriano literia*, que seria um outro título das mesmas diatribes, o que faria desse fragmento um excerto de alguma diatribe perdida.

O tema desse fragmento é tratado no capítulo XVII do *Manual*. Cf. Diógenes Laércio, II, 25; Aristóteles, *Retórica*, II, 23 e Sêneca, *Dos Benefícios*, V, 6.

10 (Nota ao fragmento 71) Esse fragmento aparece na nota ao fragmento 71 da edição de Schweighauser (p. 197, nosso fragmento 10), que não vê como tal asserção possa ser epictetiana. Isso por causa do μεγαλόθυμος, que pode ser interpretado como "de alma grande, magnânimo", o que daria ao fragmento um sentido completamente distinto do que se conhece do pensamento de Epicteto (Cf. fragmento 17, por exemplo). Porém, θυμός pode

significar, além de alma, vontade, desejo, coração como sede dos sentimentos e paixões. Assim, μεγαλόθυμος significaria aqui algo como alguém muito passional. Daí nossa tradução "animoso", quer dizer, "violentamente passional", tradução que dá sentido ao fragmento como um todo.

11 (15) e 12 (16) Tais fragmentos aparecem em Estobeu em seção intitulada Περὶ ἀφροσύνης ("Da Demência"). Quanto ao fragmento (16), cf. *Diatribes*, II, 24-25.

12 (16) Quanto a "Sou melhor que tu, pois tenho muitas terras, mas tu és um morto de fome" cf. Platão, *Banquete*, 207 b.

13 (17) Esse fragmento, embora pequeno, nos chegou muito mutilado e sofreu grande trabalho de análise, conjectura e restauração até ser estabelecido. Para detalhes sobre todo o trabalho de reconstrução, cf. Schweighauser (p. 182-3), onde percebemos, aliás, que o fragmento está por equívoco numerado como XII.

15 (94) Segundo Schweighauser (p. 200-1), esse é com certeza um fragmento de diatribe. O fragmento refere-se às *Memoráveis de Sócrates*, I, 4, 7.

16 (95) Fragmento que nos chegou bastante mutilado. O preenchimento da lacuna após ὅτι ἥμερος εἶ foi estabelecido da seguinte maneira:

ὅτι πρὸς τῆς ὥρας ἁρπάζεται (Cobet) ἐὰν δέ γέρων τις ὢν μὴ τελευτᾷ τὸν βίον (Schweighauser) καὶ οὗτος ἐγκαλεῖ τοῖς θεοῖς (Cobet).

17 (71) Com base nesse fragmento e em sua compreensão do termo μεγαλόθυμος Schweighauser descarta a possibilidade de que o fragmento que ele apresenta na nota ao fragmento 17 seja de Epicteto. Cf. a nota que fizemos ao nosso fragmento 10.

20 (53) Marco Aurélio Antonino fala (I, 7) ter recebido de Júnio Rústico, seu professor de filosofia desde a mais tenra idade, uma obra intitulada: Τὰ Ἐπικτήτεια ὑπομνήματα. Tratar-se-ia, conjectura Schweighauser (p. 193), do mesmo *De Vita et Obitu Epicteti* (*Da vida*

e da morte de Epicteto), obra que Simplício tinha em mãos e da qual fala no proêmio de seu comentário ao *Manual*. Seria assim a obra perdida que Arriano escreveu seguindo como modelo *As Memoráveis de Sócrates*, de Xenofonte. Em *As Memoráveis de Epicteto* deveria haver muitos ditos filosóficos de Epicteto, dos quais esse fragmento e os demais igualmente intitulados faziam parte.

Quanto ao conteúdo do fragmento em questão, cf. *Diatribes*, II, 4, 8 ss.; II, 11, 17 ss.

22 (56) Referindo-se ao mesmo episódio, Epicteto diz-nos nas *Diatribes* (I, 1, 28 ss. – nossa tradução):

(28) Por essa razão Agripino disse que "Não farei obstáculo a mim mesmo". As seguintes palavras lhe foram trazidas: "Que o teu caso está sendo decidido no Senado". (29) "À Boa Fortuna!", disse Agripino, "mas agora é a quinta hora (nesta hora ele costumava tomar um banho frio após exercitar-se): que saiamos e nos exercitemos". (30) Enquanto se exercitava, alguém, vindo a ele, disse: "Foste condenado!"; "Ao exílio," indagou Agripino, "ou à morte?"; "Ao exílio"; "E os meus bens?"; "Não foram confiscados"; "Vamos, então, para Arícia e jantemos lá" (31). Isso é ter praticado as coisas que se devem praticar, Ter bem disposto o desejo e a repulsa, (32) não sendo impedido e não se deixando abater pelos desastres da vida. É-me necessário morrer. Se agora mesmo, morro, Se dentro de pouco tempo, agora almoço na hora própria; depois, no tempo devido, morrerei. Como? Como se dá com aquele que restitui as coisas dos outros.

E mais adiante:

(*12) Por isso, quando Floros refletia (12) se lhe era necessário ir ao espetáculo de Nero a fim de que (13) também contribuísse com ele, Agripino lhe disse: "Vai!" (14) Mas quando Floros lhe indagou: "Por que tu mesmo não vais?", ele disse que "Isso para mim está fora de cogitação" (I, 1, 11 ss. – nossa tradução***).**

Quanto a Arícia, era a primeira parada para aqueles que saíam de Roma em direção ao sul e ao leste. O presente fragmento aparece em Estobeu em seção intitulada Περί ἀνδρείας ("Da Coragem").

24 (176) Em Marco Aurélio há outras sentenças de Epicteto (Cf. *Meditações*, IV, 41; XI, 34-36) que constam do *Manual* e das *Diatribes* que nos chegaram.

25 (177) Schweighauser (p.218) comenta que Marco Aurélio poderia ter diante dos olhos o capítulo II do *Manual*: esse fragmento seria na verdade uma paráfrase de parte desse capítulo.

26 (178) Schweighauser (p. 215) observa que, segundo Upton, é crível pensar que Marco Aurélio tinha diante dos olhos certa passagem das *Diatribes* (III, 25, 3), com a qual esse fragmento muito se parece e da qual pode ser uma paráfrase.

27 M.A. 11, 39 Esse fragmento não é mencionado por Schweighauser. Foi incluído aos fragmentos de Epicteto graças aos estudos de Leopold e Baeithaupt.

28 M.A. 4, 49, 2-6 Esse fragmento também não é mencionado por Schweighauser. Foi incluído entre os fragmentos graças aos estudos de Fränkel (*Philologus 80 (1924), 221*).

30 (179) Esse capítulo de Gélio se inicia com o seguinte resumo: *Quid Epictetus philosophus dicere solitus sit hominibus nequam et impuris, disciplinas philosophiae studiose tractantibus; et quae duo verba observanda praeceperit omnium rerum longe saluberrimas.* Em português: "O que o filósofo Epicteto costumava dizer aos homens depravados e impuros que tratam ardentemente das disciplinas da filosofia; e quais as duas palavras, de todas de longe as mais salutares, ele determinara que fossem observadas".

Expressões semelhantes a μέχρι τοῦ λόγου aparecem nas *Diatribes* em duas ocasiões: μέχρι τῶν λογαρίων (II, 10, 29 ss.) e μέχρι λόγου (III, 24, 16). Schweighauser (p. 215) conjectura que esse fragmento fez parte de alguma diatribe, talvez mesmo aquela da qual fez parte o fragmento 175, que possui temática semelhante.

Quanto à expressão ἀνέχου καὶ ἀπέχου ("suporta e contém-te"), Schweighauser (p.215-216) acha admirável o fato de que esse preceito não apareça em parte alguma do *Manual*, embora reconheça que a idéia que ele traduz esteja expressa em várias partes do mesmo.

31 (181) Schweighauser (p. 216) comenta: "Evidentemente, onde a razão é eclipsada, aí somente deve-se agir num grau singular sujeitando-se à fé fortalecida em Deus e ao obséquio de sua vontade por ele mesmo evidenciada". Cf. *Manual de Epicteto*, capítulo 32.

32 (77) Esse fragmento, apesar da citação de Estobeu, não aparece em parte alguma do *Manual*, nem parece ter-lhe pertencido, já que Simplício não o comenta.

33 (89) Segundo Oldfather (p. 474, nota 1) esse fragmento e o próximo pertenceriam à coleção de Aristônimo.

35 (92) Esse fragmento aparece em Estobeu em seção nomeada Σύγκρισις ζωῆς καὶ θανάτου ("Comparação da vida e da morte") e em Antônio Melissa no capítulo 1 de seu *Florilegium* intitulado Περί θανάτου ("Da Morte"), onde é atribuído a Epicteto.

36 (54) e 37 (55) Esses fragmentos pertencem, na verdade, a Demócrito.

38 (114) Fragmento atribuído a Epicteto por Máximo. Em Estobeu, é atribuído a Pitágoras.

39 (140) Oldfather (p. 476, nota 2) observa que o estilo e o conteúdo desse fragmento não são epictetianos.


EPICTETO
TESTEMUNHOS E
FRAGMENTOS
DINUCCI A. ; JULIEN A.
(Org.)
M
Mnemosyne
Estudos de história intelectual
e das idéias DHI/UFS
Mnemosyne.dhiufs@yahoo.com.br
VIVA
VOX
Grupo de Pesquisa
em Filosofia
Clássica e Contemporânea
http://musoniorufo.zip.net